

Significações e afetividade no movimento “Guardiões das Sementes Crioulas” em Anchieta/ SC

Meanings and affectivity in the ‘Creole Seeds Guardians Movement in Anchieta/SC

Ana Luiza Toaldo Nardi*

Alvaro Marcel Palomo Alves**

Adilson Francelino Alves***

Resumo: O artigo objetiva compreender os sentidos da conservação das sementes na conexão da afetividade dos agricultores com a continuação do movimento “Guardiões das sementes crioulas” em Anchieta/SC. Sementes crioulas enfrentam risco de desaparecimento, e os guardiões dessas sementes lutam para mantê-las e desenvolverem autonomia no campo. Entender os afetos imbricados em movimentos de resistência ao agronegócio permite explorar respostas aos entraves no rural brasileiro; para isso adotamos o materialismo histórico dialético como método e a técnica de construção da informação como opção metodológica. Foram realizadas entrevistas em profundidade, emergindo três núcleos de significação: senso de cuidado; relação ética-ecológica; e oposição ao sistema e suas consequências. Conclui-se que os afetos e os sentidos associados a ações sustentáveis são responsáveis pela ação laboral e pelo impacto no ambiente, e para os guardiões se destacam o cuidar, o valor além do lucro, e o alicerce nas tradições e relações sociais.

Palavras-chaves: Afetividade. Psicologia social. Ética. Movimentos sociais.

Abstract: The article aims to understand the meanings of seed conservation in relation to the affective bonds that farmers maintain with the continuation of the “Guardians of Creole Seeds” movement in Anchieta, Santa Catarina,

*Mestre em Desenvolvimento Rural Sustentável pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná (Unioeste). Graduada em Psicologia pela instituição Universidade do Oeste de Santa Catarina (Unoesc). Email: ana.nardi@hotmail.com.

**Doutor em Psicologia e Sociedade pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP). Mestre em Psicologia da Infância e Adolescência pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). Graduado em Psicologia pela Universidade Estadual de Maringá (UEM). Docente da graduação em Psicologia e do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Estadual de Maringá (UEM) Londrina. E-mail: ampalves@uem.br.

***Doutor em Ciências Humanas pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Mestre em Sociologia pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) Graduado em Ciências Sociais pela Universidade Estadual de Londrina (UEL). Docente do Programa Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural Sustentável da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (Unioeste). E-mail: adilsonfalves@gmail.com.



This content is licensed under a Creative Commons attribution-type BY

Brazil. Creole seeds are currently at risk of disappearing. The guardians of these seeds strive to preserve them while also seeking autonomy in rural life. Understanding the affective dimensions embedded in resistance movements against agribusiness enables a deeper exploration of possible responses to the challenges faced by rural communities in Brazil. We adopt dialectical historical materialism as our methodological framework and employ the Information Construction technique as our methodological approach. In-depth interviews were conducted, from which three core themes emerged: a sense of care; an ethical-ecological relationship; and opposition to the dominant system and its consequences. We conclude that the affects and meanings associated with sustainable actions are fundamental to labor practices and their environmental impact. For the Guardians, key aspects include care, value beyond profit, and a foundation rooted in tradition and social relations.

Keywords: Affectivity. Social Psychology. Ethical. Social movements.

Recebido em 27/04/2025. Aceito em 19/12/2025

INTRODUÇÃO

A relação indivíduo/natureza envolve a estrutura social, cultural, legal e afetiva. A dinâmica dessas relações se expressa na subjetividade dos sujeitos. Por sua vez, a afetividade é o conjunto de emoções e sentimentos de cada pessoa, que se caracteriza como mediadora entre a realidade imediata, os processos imaginativos e os pensamentos que o indivíduo responde ao mundo (Vigotsky, 1996; Bomfim, Delabrida, Ferreira, 2018). Concebe-se que é a partir da análise desta dinâmica que é possível compreender uma parte das consequências do que move a relação indivíduo/natureza dos agricultores/agricultoras familiares e como esses se organizam e disputam espaço no desenvolvimento rural sustentável. A proposta deste artigo é ampliar os estudos sobre afetividade e sentidos de movimentos de resistência, dialogando entre eles e com eles. Para tal, opta-se por uma experiência concreta: os guardiões das sementes crioulas de Anchieta/SC.

O estudo desse movimento é escolhido pela história da cidade de Anchieta/SC e dos movimentos sociais para com as sementes crioulas nesse território. O município é reconhecido como Capital Catarinense do Milho Crioulo, e por meio da lei nº 11.455/2000, e a Capital Nacional de Produção de Sementes Crioulas, pela lei nº13.562/2017 (Locatelli, 2019; Santa Catarina, 2000; Brasil, 2017). Isso ocorre por ativas ações de resgate no trabalho com as sementes desde a década de 1990. No entanto, os atritos e embates desse movimento com a realidade brasileira do agronegócio levam transformações e resistências constantes. Perguntamo-nos qual o sentido da atividade dos cuidadores e como este impacta nessa realidade.

Com as sementes crioulas se constituiu um movimento denominado Guardiões das Sementes Crioulas, composta de uma cultura identitária, de conhecimentos acumulados, construídos e reconstruídos coletivamente de forma solidária e local, em um trabalho de resgate, cultivo e conservação (Campos; Cassol; Wizniewsky, 2018). Esse tipo de sementes vem enfrentando riscos de desaparecimento relacionados à perda genética, pressão do mercado, mudanças climáticas,

legislações e políticas pró-sementes transgênicas, impactando ações autônomas no campo rural. (Fernandes et al, 2023; Thanopoulos et al., 2024; Gupta, Salgotra, Mahajan, 2020).

Legalmente, as sementes crioulas são conceituadas como:

“variedade desenvolvida, adaptada ou produzida por agricultores familiares, assentados da reforma agrária ou indígenas, com características fenotípicas bem determinadas e reconhecidas pelas respectivas comunidades e que, a critério do Mapa, considerados também os descritores socioculturais e ambientais, não se caracterizem como substancialmente semelhantes às cultivares comerciais caracterizadas”(art. 2, XVI, lei 10711/2003).

A vista da relação dialética dos agricultores com as sementes, compreende-se que indivíduos respondem ao mundo a partir dos afetos, e esses se apresentam nas ações conectando-as aos motivos da atividade numa relação dialética indivíduo-ambiente (Sawaia, 2011). A psicologia sócio-histórica, por sua vez, conceitua que a relação do humano com o mundo é mediada pelos sistemas simbólicos, em que o sujeito deve se apropriar dos signos e significados compartilhados coletivamente. Significações são caracterizadas pelos significados e sentidos do sujeito; o primeiro refere-se “aos conteúdos instituídos, mais fixos, compartilhados, que são apropriados pelos sujeitos, configurados a partir de suas próprias subjetividades” e o sentido é entendido como “a articulação dos eventos psicológicos que o sujeito produz frente a uma realidade”. (Aguiar; Ozella, 2006, p. 226).

Justifica-se este estudo por debruçar-se no entendimento das formas segundo as quais os guardiões se relacionam e atuam com construções e desenvolvimentos no campo da ruralidade sustentável através da ação laboral, e os modos de vida imbricados nessa relação, considerando a realidade desses agricultores. À vista disso, a reprodução de culturas, modos de trabalho, economia e atuações em seu meio embasam uma atuação dentro de lógicas mercantis (ciclo econômico macro) e emergem respostas que podem ser combativas, contraditórias e complexas, visto que esses guardiões são os mantenedores desse tipo de cultivar.

O presente artigo objetiva compreender os sentidos da conservação das sementes na conexão da afetividade dos agricultores com a continuação do movimento “Guardiões das sementes crioulas” em Anchieta/SC. Para tal, utilizamos os Núcleos de Significação (Aguiar, Ozella, 2006) para analisar entrevistas em profundidade, realizadas com esses guardiões do município.

À vista disso, entendendo os afetos dentro de movimentos de resistência, abrem-se campos compreensivos para se pensar transições e transformações, estudar movimentos de agricultores correlacionando a psicologia, que permite apreender suas formas de se relacionar e atuar dentro do campo rural, e assim pensar contribuições teóricas e práticas que respondam a realidade desses.

REVISÃO DE LITERATURA

Esse artigo é desenvolvido com base na Psicologia Sócio-Histórica, cuja teoria abandona a visão abstrata do fenômeno psicológico, compreendendo o ser humano a partir da atividade como base material do psiquismo. Ao estudar o objeto, ele é compreendido na sua totalidade concreta, tendo a interação entre as partes como constituidor do fenômeno, permitindo compreender tanto o objeto como o fenômeno, em movimento e transformação contínua. Isso porque em seus interiores coexistem forças opostas, isso é, a contradição é a força do movimento (Bock, 2007).

Ao aplicar a compreensão materialista dialética à ciência, é válido clarificar a apreensão da subjetividade/objetividade, em que ambas são vistas como unidade de contrários em constante transformação. Elas se constituem uma à outra, mas sem se confundir, isso em razão de entender o sujeito como produto e produtor da história, na relação dialética com a realidade objetiva.

Ainda dentro dessa inter-relação entre subjetividade/objetividade, destaca-se a linguagem, que se caracteriza como mediação para a internalização da objetividade, permitindo a construção de sentidos pessoais que constituem a subjetividade. Utilizando a teoria vigotskiana, Gonçalves (2007) apresenta os fenômenos psicológicos inicialmente no plano intersubjetivo, isso é, nas relações do sujeito, e são convertidos para o plano intrassubjetivo. A linguagem é a síntese entre objetividade e subjetividade, ao ter em si significados (social) e sentidos (subjetivo).

Vigotski defende a compreensão simbólica e comunicativa da atividade, salientando que esta é sempre significada a partir de um processo social, e mediatizada semioticamente. Em vista disso, caracterizam-se os conceitos de significado e sentidos. O primeiro é sempre social e objetivo, surgindo pela atividade e apropriado pelo indivíduo; o segundo surge por meio da subjetividade (significado pessoal, mediado pela afetividade), que permite a atribuição de sentidos pessoais, uma síntese entre objetividade e a subjetividade, em que, unifica as relações e os afetos entre a atividade sobre o objeto, o significado social criado intersubjetivamente e a dimensão emocional e ativa da experiência humana: “O sentido é a soma dos eventos psicológicos que a palavra evoca na consciência” (Aguiar, 2007, p. 105); essa produção de sentidos possui elementos contraditórios, o que permite a existência de sentidos subjetivos ambivalentes, expressando emoções e afetos que contrastam como, por exemplo, prazer e desprazer, gostar e não gostar.

Destarte, o indivíduo atua no mundo a partir da atividade ao mesmo tempo que é afetado pelo mundo, criando registros. Isso leva a complexas teias que expressam afecções e afetos advindas das relações. As contradições resultantes disso levam ao movimento de transformação. Dessa maneira, as formas pelas quais se internalizam e expressam as condições históricas e sociais, suas ideologias e relações vivenciadas pode ser apreendida pela palavra. A pessoa é uma síntese de múltiplas determinações, na qual, as falas dela são construções. (Espinosa, 2010; Aguiar, 2007).

Ao utilizar a palavra com significado como unidade de análise é possível apreender o sentido, e assim “desvendar o processo, a gênese, sem perder nossa base material, sem criar explicações descoladas da realidade”. Para aplicar esse processo que supera o nível empírico utilizam-se duas categorias de análise: consciência e atividade, que segundo Aguiar (2007, p. 96) “nos permitem nomear a relação do homem com o mundo”, que expressam o processo de construção do psicológico.

Atividade é compreendida como toda experiência humana realizada socialmente pelos indivíduos com objetivo de atender às suas necessidades, para então produzir sua existência. Essas experiências levam à produção de ideias e representações sobre elas mesmas, refletindo sua vida material: ações e relações. Percebe-se que a atividade humana (trabalho social) ocasiona comportamentos que independem do fator biológico, como a atividade social complexa, o trabalho social e a divisão do trabalho, que levam a motivos sociais do comportamento. Desse modo, a satisfação da necessidade agora é mediada por ações que preveem o comportamento final e que estão associadas à estrutura da atividade, gerando, por meio dessa forma complexa um engajamento consciente cada vez mais elevado (Leontiev, 1988).

A consciência é constituída pelo modo de pensar, sentir e agir dentro da condição humana que traz forma ao indivíduo como um ser ativo, social e histórico. Assim, a consciência é integrada e multideterminada; ela é a reconstrução interna do mundo objetivo, em um processo constante

de construção social e subjetiva. Isso incide na impossibilidade de separação do pensamento, da emoção e da linguagem (Aguiar, 2007). A linguagem desempenha papel fundamental na formação da consciência, ao permitir que a memória seja retida, o que atua na nomeação de objetos sem sua presença, levando ao processo de abstração e generalização. Por conseguinte, a palavra viabiliza a análise e classificação do mundo (Furtado, 2007).

O desenvolvimento do ser humano, diferente de outros animais, é submetido além das leis biológicas, às leis sócio-históricas: “O homem constrói a sua natureza”, sendo essa construção imersa na relação do indivíduo com outros indivíduos e com o mundo, assim, a atividade é sempre ligada à comunicação (Leontiev, 1988). Para tal, o processo de internalização aponta que ao internalizar a atividade, a ação, o que se internaliza obrigatoriamente é uma atividade com significado. (Aguiar, 2007). Dessa maneira, o desenvolvimento e a aplicação de símbolos/signos como ferramentas complementares para abordar uma questão psicológica específica (como recordação, comparação, relato, seleção etc.) se caracterizam como a criação e utilização de instrumentos, agora na esfera psicológica, e são essenciais para atividade humana (Vigotski, 1996).

Para Vigotski (1996), os signos são instrumentos subjetivos e sociais com função mediadora entre indivíduo e mundo, isso é, constituem um meio de atividade interna que leva o sujeito à compreensão e interpretação do mundo. Os signos refletem a realidade, assim como compõem seu fragmento material. A palavra é o signo mais conhecido, e se caracteriza como “a arena onde se confrontam valores sociais contraditórios, conflitos, relações de dominação etc” (Aguiar, 2007, p. 101).

Outro ponto relevante dentro da teoria é a vivência. A subjetividade pode ser estudada tanto como experiência de si, como expressão de um conteúdo social construído historicamente disposto aos sujeitos (influenciada pelas suas determinações). A subjetividade está em constante transformação e formação, sendo diretamente vinculada à inserção do sujeito na sociedade, logo, o social se subjetiva quando se mostra relevante ao sujeito, e a esfera subjetiva se objetiva “ao converter-se em parte da realidade social, com o qual se redefine constantemente como processo cultural” (Vigotski, 2010).

A afetividade, em sua dimensão ontológica, possibilita uma ampliação do contexto, pois o indivíduo e a sociedade possuiriam “uma cola” (a afetividade), a afetividade assume papel de conexão que organiza e responde às dinâmicas das esferas psíquicas, sociais e culturais (Espinosa, 2010, Sawaia, 2000). Em consonância, Sawaia (2011) explica que a afetividade implica a habilidade do sujeito de transmutar seus instintos na consciência, mediando seus afetos a partir de signos, atribuindo significados. Isso tudo influi no aumento ou diminuição da sua potência de ação no encontro com o mundo (com outros e coisas). (Espinosa, 2010).

MÉTODO

Em conjunto ao materialismo dialético, a ferramenta metodológica utilizada denomina-se “Construção da informação- Núcleos de Significação” (Aguiar; Ozella, 2006; 2013), que objetiva a compreensão dos significados e sentidos dos participantes da pesquisa. Para tal, busca-se apreensão das mediações sociais constitutivas do sujeito, aprofundando a busca para os processos não ditos (do sentido), e se entende que a linguagem é o instrumento fundante no processo que constitui o humano. Desse modo, o objetivo é captar uma comunicação - nesse caso as entrevistas realizadas - e produzir, junto com essa comunicação, os sentidos. A partir de um modelo de

sistematização de leitura, o pesquisador constrói os processos de significação tendo a palavra como central (Aguiar, Ozella, 2006).

Um ponto importante é entender que o processo analítico não se restringe à fala da (o) entrevistada (o), “ela deve ser articulada (e aqui se amplia o processo interpretativo do investigador) com o contexto social, político, econômico, em síntese, histórico, que permite acesso à compreensão do sujeito na sua totalidade”. (Aguiar, Ozella, 2006, p.231). Trata-se de uma técnica epistemologicamente ligada ao materialismo histórico e à teoria de Vigotski (1996), e se apresenta como um método capaz de gerar núcleos de sentido a partir da noção de contradição, que não opõe indivíduo-sociedade, mas prevê desvelar suas mediações constitutivas. Outro ponto a se destacar é que a psicologia sócio-histórica parte do método materialista histórico-dialético onde se tem que não há separação entre indivíduo e sociedade e que o universal está no singular mediado pela particularidade (Alves, 2010; Bock, 2007).

No primeiro momento com leituras iniciais e apreensão dos contextos, elencaram-se os pré-indicadores. Seguiu-se para uma leitura mais analítica e profunda, e em conjunto a um processo de aglutinação desses pré-indicadores, com a ferramenta de reflexão, principalmente à **similitude**, geraram-se os indicadores, isso é, uma síntese analítica com base nos pré-indicadores em conjunto à percepção da pesquisadora nos dias de campo. No último processo de leitura profunda, colocando o objetivo da pesquisa no centro e com o uso de abstração, relacionaram-se os núcleos de significação, cujos núcleos emergiram com o uso de complementariedade entre os indicadores (Aguiar, Ozella, 2006). Por fim, o método aprofunda o sentido das entrevistas em relação à subjetividade e aos encontros/desencontros dos guardiões com seus mundos, e, portanto, a afetividade desses indivíduos. Foram estabelecidos os núcleos, e ao utilizar essas significações entendem-se os sentidos centrais expressos nas entrevistas, e assim, inicia-se uma relação dialética na compreensão da subjetividade, da afetividade e das relações dos guardiões.

Participantes e procedimentos

Foram realizadas cinco entrevistas com os guardiões das sementes crioulas, sendo uma excluída por questões de critérios de inclusão (ter mais de 18 anos; reconhecer-se enquanto guardiões das sementes crioulas; residir em Anchieta/SC; possuir vínculo e contato com a CooperAnchieta; possuir histórico de atuação com sementes crioulas). A entrevista em profundidade teve como questões-guia: 1. Poderia me contar sua história com as sementes crioulas? 2. Como você se tornou um Guardiã das Sementes Crioulas? 3. Como você entende que morar em Anchieta/SC influenciou você se tornar um guardião das sementes crioulas? 4. Como você se relaciona/encontra outras pessoas que usam as sementes crioulas? 5. Qual o sentido das sementes crioulas para você? 6. Poderia me dizer “qual o sentimento” de ser um guardião? 7. Quando pensa no futuro, qual sentimento vem à mente? 8. O que você gostaria que eu lhe perguntasse que eu não lhe perguntei? Ou gostaria de me contar algo a mais que não conversamos!

Das quatro entrevistas, em profundidade analisadas, todas se assemelham por se identificarem como guardiões e viverem em Anchieta/SC. Dois homens e três mulheres compõem esses guardiões, sendo uma entrevista que abarca um casal heterossexual. Todas as entrevistas foram realizadas nas casas dos guardiões entre outubro/2023 e janeiro/2024. A escolha dos participantes ocorreu pela mediação da CooperAnchieta e aceite por parte das/os agricultoras/es. Além das entrevistas em profundidade, utilizaram-se entrevistas com pessoas ligadas a algumas entidades das sementes crioulas e um diário de campo. A pesquisa foi aprovada pelo Conselho de Ética em Pesquisa da Unioeste, **CAAE:** 74820823.8.0000.0107.

A amostragem se justifica pela estrutura qualitativa e exploratória do estudo, ademais, dados repassados pelos representantes das entidades entrevistadas trazem a existência estimada de no máximo 50 famílias guardiãs no município, mas que transitam entre as organizações, sem participação ativa em todas elas. A representação dos entrevistados se dá em relação à CooperAnchieta.

A CooperAnchieta foi fundada em 28 de agosto de 2008, pela iniciativa de um grupo de agricultores que se organizaram com o propósito de atender ao Programa de Aquisição de Alimentos (PAA) em nível municipal, foco que se manteve nos primeiros anos de atuação. Há oito anos, a cooperativa passou a dispor de uma sede própria e expandiu suas atividades para abranger outras políticas públicas, como o Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE) e a Companhia Nacional de Abastecimento (CONAB). Seu principal objetivo é fortalecer a organização dos agricultores na comercialização de alimentos, promover o resgate e a utilização de sementes crioulas, incentivar práticas agroecológicas e consolidar um modelo de mercado pautado na economia solidária. Atualmente, a CooperAnchieta é composta por 42 associados. Optou-se pela organização como fonte conectiva da pesquisadora com os guardiões, pelo papel que ela desempenha nesse campo.

Por fim, uma breve contextualização dos participantes:

R.- Agricultora, mulher, mãe, avó, branca, casada, diagnosticada com câncer, trabalhou por anos com hortalças. Atualmente foca mais em serviços domésticos e cuidado com saúde, no entanto, continua trabalhando com as sementes em pequenas produções para autoconsumo, e venda de excedentes; seu esposo auxilia no trabalho.

Z.- Agricultora, mulher, branca, avó, conduz a propriedade sozinha (esposo trabalha fora), entrou no MMC por influência de sua irmã no ano de 2007/2008, participou de algumas pesquisas, uma em especial (etnografia) permitiu que fosse para Itália contar sobre a experiência em ser uma guardiã.

J.- Agricultor, homem, branco, 65 anos, entre nove irmãos, é um dos dois que trabalham com as sementes crioulas, ativo politicamente e envolvido por anos em movimentos e partido sociais, assim como participação ativa em sua comunidade (igreja, futebol....).

C. e esposo- C- 53 anos, mulher, mãe, branca, esposa, e recente avó, iniciou no MMC em 1998; ela e seu esposo trabalham com vaca de leite, são guardiões e produzem ativamente variedades crioulas, mas usam sementes híbridas para a demanda da produção de leite. Esposo- aposentado, pai, avô, branco, iniciou mais ativamente o trabalho com as sementes após parar de trabalhar na cidade, e ativamente busca cursos e conhecimentos para além de seu conhecimento geracional.

NÚCLEOS DE SIGNIFICAÇÃO

Pela análise de dados, elencamos três núcleos de significação centrais que serão aprofundados nessa sessão, sendo eles: a) senso de cuidado, b) relação ética-ecológica e 3) oposição ao sistema e suas consequências.

Núcleo senso de cuidado

O primeiro núcleo construído é o senso de cuidado. Cuidado é definido com base na noção de cuidar do outro. Esse aparece como atitude de desvelo (se solidarizar e se preocupar com o outro), e a atenção, preocupação e zelo para com o outro, conectado ao envolvimento e

afetividade que se possui com esse (Boff, 2005); como resultado de relações, não determinado por regras, princípios ou prescrições (Kuhnen, 2010); e como a capacidade de identificar o que é bom para si e para o outro, e assim o fazer, agindo para com a continuidade da vida humana, revelando ações com reciprocidade/doação futura (Silva; Torres, 2019). Tronto (2007) detalha essa definição entendendo o cuidado como um esforço intrínseco à nossa espécie que envolve manter, continuar e reparar nosso ‘mundo’ para facilitar condições de vida ideais, e salienta que esse mundo envolve nossos corpos, nós mesmos e nosso ambiente.

Essa percepção e reprodução de cuidado a partir da relação com as sementes está conscientemente associado à noção de saúde, e emocionalmente relacionado à produção de saúde mental.

R: É saúde. [...]. Como em 2003 eu fui diagnosticada com câncer de mama. E daí, assim, eu tive que trocar muito da minha alimentação, né? Então, assim, aquele tempo você ia buscar um orgânico, alguma coisa, era muito difícil, né? Porque naquela... nesses anos, era aquela era do usa veneno e veneno e veneno, né? E eu pensei, “não, mas né, eu não tô bem, mas eu vou ter que achar uma forcinha para mim e produzir as coisas pra mim comer e tem que ser saudável, e eu não posso....”.

Pesquisadora: qual o sentido das sementes para vocês?

C: Alimento saudável. Alimentos sem veneno.

Percebemos que as sementes são alimento, e um alimento renomado em comparação às ofertas do mercado e de “fácil acesso”. As sementes crioulas são vistas como produtoras de alimentos saudáveis, capazes de serem utilizadas em contraposição a opções com veneno. Veneno aparece com conotação não só de algo que faz mal, mas que profundamente causa adoecimentos, danos e destruição. Ao penetrar nesse significado, obtém-se a compreensão que além das sementes serem o antônimo de veneno, isso é, uma produção de saúde e cura, elas se consolidam como uma estratégia de acesso material para responder a um mundo que se fecha na oferta cada vez mais homogênea de alimentos não saudáveis, que são sinônimos de alimentos transgênicos e com agrotóxicos.

Em consonância, as sementes crioulas ganham uma nuance mais abrangente, que engloba a vida e a produção desta na realidade desses guardiões. As sementes sempre fizeram parte do existir e ser desses indivíduos, seja na mesa, seja no trabalho, seja na relação familiar e social. A intrínseca relação de união entre agricultor (a) e sementes crioulas, que cria, não só uma relação intersubjetiva que se torna subjetiva, mas que permite a constante construção de redes entre essa união, embasa toda a existência desses indivíduos, e assim, a vida singular desse grupo.

E qual o sentido que as sementes crioulas tem para você?

R: Aí pra mim é.. é tudo, né, eu faço de tudo, né, pra, pra guardar, porque pra mim, assim, é uma, é vida, né? Semente é, né, é vida. E daí você poder, você tem sua semente ali, você, é... todo ano você cuidar. e você ir lá e plantar e depois você vê ela produzir é muito gratificante.

Z: Vida, vida. Porque quando você prepara uma terra, você só coloca a semente ali naquela terra preparada, e, e você molha hoje, e dali uns dias você vai lá, você vê germinar você e você vê crescer, você acompanha todo o crescimento dela, né, porque você tem que ter um acompanhando, você percebe o quanto de vida que tem isso e o quanto de vida que isso lhe traz pra outras pessoas também, porque ele é um alimento, ne, e ele tem todo um processo, isso dali traz vida pras pessoas. Daí eu, eu resumo assim, que é vida, para mim é vida. Isso é um trabalho que te traz vida.

A afetividade é caracterizada como “tonalidade, cor emocional que impregna a existência do ser humano” e é vivida como o conjunto de emoções e sentimentos que o ser humano possui, sendo necessariamente a capacidade mediadora entre indivíduo e mundo, antecedendo a ação (Sawaia, 2000, p. 2). Essa mediação que os afetos permitem leva a uma organização interna que o indivíduo desenvolve para se relacionar com o lugar, com as pessoas e com as coisas, e envolve dimensões físicas, socioculturais, psicossociais e simbólicas (Bomfim, Delabrida, Ferreira, 2018). Associando esse conceito, encontramos os sentidos que guiam o mundo para cada indivíduo ou grupo a partir da cultura e realidade sócio-histórica. (Aguiar, Ozella, 2006, Bock, 2007). Tanto a afetividade, quanto o sentido de cada grupo influencia suas ações e percepções de mundo. A vida e a produção desta, portanto, aqui aparece como a potência positiva proposta por Espinosa (2010), na qual leva esses indivíduos a responderem e a produzirem afetos positivos, que lhes permitem movimento e transformação que se desenvolve para além deles. Encontramos aqui a dialética da relação sujeito-sociedade e, assim, o fazer social, - isso é ‘estou fazendo a minha parte, para o futuro, para alimentação/saúde das futuras gerações’.

O cuidado também é expresso na conexão com o compartilhamento: compartilhar conhecimento, vivências e experiências. Notamos que a Participante R expõe o desejo pela partilha com os outros, e percebemos assim o desejo para a continuação desse movimento e trabalho com as sementes. No entanto, ao aprofundarmos a análise, a consequência desse compartilhamento é a formação de redes e teias de propagação de um olhar ético e de cuidado para o mundo, baseado não só na construção de saúde, como também no fortalecimento de laços sociais, trazendo o cuidado como forma conectiva de ligação/vínculo entre os indivíduos. Destacamos que mesmo que as relações não sejam solidificadas em relações pessoais profundas, encontramos um querer fazer possível a vivência harmônica em sociedade, com acesso à saúde e alimentação, para todos.

R: eu gostaria que como você está pesquisando isso que você levasse para as pessoas e, e colocar para as pessoas, né, que isso é muito importante, né, você cuidar da semente que a semente é vida, que é tudo, né, e a gente sem, né, sem alimento, a gente não sobrevive, então a semente é vida e você vai produzir, né, pra comer, e hoje... é isso que conta, né, levar, né, o conhecimento para outras pessoas, né.

Outra intersecção com senso de cuidado é a produção de saúde mental, que pode ser compreendida, segundo a Organização Mundial de Saúde (2022), como uma parte integral da saúde e bem-estar humano, caracterizado pelo estado mental de bem-estar que subsidia a capacidade de lidar com questões estressantes da vida, assim como a habilidade de resiliência para tal, incluindo ainda habilidades coletivas no que tange à resposta ao mundo onde vivemos. Essa compreensão não induz apenas a ausência de doenças mentais, e vincula, em um contínuo complexo, a ação e reação do indivíduo que precisa ser compreendida em suas variantes sociais, culturais e clínicas (OMS, 2022).

O debate é frutífero e principalmente exige a integração da compreensão de saúde, e fundamentalmente a produção desta associada ao bem-estar e à qualidade de vida. Os guardiões compreendem esse sentimento relacionado ao trabalho com sementes, por integrá-las em um ecossistema complexo e amplo. Por exemplo, a Participante R compara a vivência na zona rural com na zona urbana, a partir de sua realidade de campesina, na qual, compreende os benefícios implícitos no contato com a natureza em comparação à presente alienação do trabalho afundada em uma valorização do racional e desconectada do todo, que incide uma incongruência afetiva com a realidade.

R: [...] tem muitos que tão, que estão voltando, né, porque vê que num... que não é o que achavam que era, né, que produzir é muito melhor do que fazer palavras, morar num apartamento, você não tem um... num tem um espaço para nada, não tem um contato com a natureza.

Destacamos a fala ‘que produzir é muito melhor do que fazer palavras’. Aqui, podemos dialogar sobre como tanto a racionalidade urbana como a desconexão com a ‘vida natural’ (com natureza e áreas verdes), produz adoecimento delicado que pode em últimas instâncias expressar-se nas formas de patologias mais conhecidas como depressão, ansiedade e suicídio (Conselho Federal de Psicologia, 2013). Porém, são apreendidas de diversas formas e níveis, podendo inicialmente conectar-se com sentimentos de descontentamento, entorpecimento, ou um caminho nebuloso de adoecimento físico (que inclui o sedentarismo e alimentos ultraprocessados), e/ou o isolamento social, individualizando uma vida humana que é essencialmente social.

Ao integrar essa fala com as respostas vinculadas à pergunta-guia ‘qual o sentimento, quais sentimentos que vêm de ser uma guardiã, ou de trabalhar com as sementes crioulas?’, podemos sinalizar uma consciência na produção de saúde, e principalmente saúde mental associada ao trabalho com essas sementes.

R: É assim. É assim é porque eu sempre fui agricultora, né? Então, assim, a gente sempre mexeu com a Terra e isso é traz uma, sei lá, é, é uma paz, né? Porque quando você vai lá mexer com a Terra, se você está às vezes estressada, uma coisa, o estresse vai embora. Então, mexer com a Terra é, é vida sempre, né, digo que a terra é vida.

Esposo da C: Era até uma questão de necessidade, financeiramente também, a agricultura, a gente, é, as condições financeira (sic) eram bem mais difícil do que hoje, né. Então tudo isso se, a gente manteve, produziu, por, por necessidade e hoje não é por um capricho, mas é... [...] Mas eu falo pra tantos amigos, hã, vem parentes, vem amiga, vem coisa, eu disse “o meu prazer é, de manhã cedo, é ir lá roça e vim com o careto para casa com um balde de batata, mandioca, os tomate, trazer um melão, uma melancia, ir lá nos pé de fruta, trazer um cacho de banana”, tudo isso, né, é, eu para mim é um, é um, quase um hobby, sabe. É uma alegria de eu ir lá na roça lá, daí amanhã cedinho.

C: Hoje pra nós, seria mais fácil nós ir no mercado comprar, que nós cultiva as coisa, né, mas prático.

O uso da atividade com as sementes e a ligação direta com hobby, sensação de bem-estar, capricho ou ação desestressante afirmam a capacidade que esse trabalho possui na produção de saúde mental e saúde. Isso é, atividade com sentido gera motivos e saúde mental, mesmo podendo ser mais fácil e prático na esfera produtiva, ir ao mercado do que produzir essas, elevando assim a atividade com as variedades crioulas como uma ação para além da produção de alimento, produzindo saúde, saúde mental e vida, fundamentalmente a partir do cuidado. Nesse caminho, Boff (2013) traduz cuidado como imerso no processo evolucionário que se traduz numa exigência da vida, permeando todo o processo de produzir e reproduzir a existência humana. O cuidar, aparece nos relacionamentos pessoais, sociais, amorosos, que se conectam com cuidado-preocupação e cuidado-precaução.

Ao associar as discussões de cuidado com foco na questão ecológica, Corrêa e Bassani (2015) subsidiam a compreensão de cuidado ambiental como vinculado à necessidade de sentido/significado que conecta o individual e coletivo, o presente e o futuro, trazendo valores de

conservação e extensão da vida no planeta. Isso é, como dialogado pela base teórica da psicologia sócio-histórica, o sentido é capaz de dar estrutura para a reprodução e permanência de ações dentro de determinadas atividades como, nesse caso, a produção de sementes, que se conecta com a produção de alimento, e se conecta com a produção de saúde, que se abstrai no cuidado com o outro, e com o planeta, assim também nutre a essência dos guardiões para a continuação de sua práxis (Sawaia, 2011, Espinosa, 2010; Alves, 2010).

Pesquisadora: E quais ou qual, ne, o sentimento de ser uma guardiã? Z: Bom, muito bom, eu me sinto bem. Pesquisadora: Você pode me contar um pouco mais sobre isso?

Z: (risada) Eu... Eu gosto... Eu me sinto bem, eu tô ali mexendo com.... vamos assim, vamos dizer, quando eu vou colher ela, por exemplo, ela está pronta lá para colher, vou lá colher, aí eu, né, cada uma, cada espécie tem a sua maneira de escolher, a sua maneira de.. de que nem colocar, você tem que ter um lugar para colocar, terminar a secagem dela, aí depois você vai limpar cada uma delas, você tem que tirar do seu espaço, você tem que limpar ela, isso.... você vai fazer isso dali vai ter passando infinitas coisas da cabeça, porque vou... por isso que eu digo, que isso é de pessoa para pessoa, e daí “ah porque fulana lá só pega a semente da gente e ela não produz”, mas é porque talvez para ela isso não faz sentido. Porque vamos dizer assim, você tem que gostar, e aí, esse trabalho tem que te fazer um sentido, você tem que ter um sentido para isso, porque você não faz por fazer, e cada uma delas eu começo a olhar, saber que eu tinha semeado, vamos dizer assim, algumas já aconteceu, de alguns, você vai e você pega de ali 5,6 sementinhas, mas quando é no outro ano você já tem as vezes, dependendo a espécie, você já tem meio quilo, 1 kg daquilo, você já conseguiu produzir. E daí você começa a perceber como que de tão pouquinho, conseguir transformar em tanto, olha como que ela, ela em si, você dando aquilo que ela precisa, [...] ela retribuiu pra gente daquele pouquinho que colocou [...] para quem gosta disso, é uma maravilha, eu digo que é uma terapia, porque às vezes eu fico 1 hora, 2 horas, 3 horas só ali, numa variedade tirar. [...] É uma coisa que eu gosto de fazer. E tem variedades que exigem mais, vamos dizer assim, mais dedicação para você limpar a semente de deixar ela toda separadinha, o que é bom, o que não é, bem limpinha e coisa pra guardar, mas tem variedades que é bem simples, então isso também... Daí que tu acaba que por causa de uma você não vai desistir, porque é ruim uma de desistir das outras, você vai dar teu jeito e vai igual, e vai fazendo. Hoje até de algumas espécies de flores também eu comecei a guardar, porque vamos dizer assim, antes, mais, era a legumes, hortaliças [...] daí você tem pra passar pra essas pessoas que lembram disso, mas que não encontram mais.

Em consonância, ao associar a psicologia ambiental, Silva & Torres (2019) salientam a existência de uma noção de responsabilidade, assim como o desejo de conservação dos recursos naturais, emergidos a partir de contextos que exprimem valores, conduta e ética. Isso é, o cuidado também se torna político, sendo um conatus (Espinosa, 2010) que interliga o mundo objetivo com o subjetivo, permitindo assim um fluxo afetivo que integra ações, sentimentos e relações entre indivíduos. Desse modo, como expresso por Corrêa e Bassani (2015), é a partir de uma consciência de si, que o indivíduo sustenta sua autenticidade que o leva a responsabilizar-se, permitindo cuidar de si e do outro (inclui o ambiente-natural).

Ao processar o cuidado dessa forma, cuida-se do que se gosta, e resulta em ‘sentir-se bem’, conectando não só a produção de saúde, como de vida

R: tem todo um cuidado, né, pra você conseguir produzir ela.

Z: E daí a gente produz, cuida. Pesquisadora: E como você diria que se tornou uma guardiã das sementes? Z: Gostando de fazer esse trabalho, gostando de fazer, porque eu gosto de, de, de... Eu sempre gostei de mexer com a Terra, de lidar, assim só a gente não tinha um conhecimento a mais, né? Mas vamos dizer assim, aquilo, aquele que é um pouco do que eu já sabia de criança, agora eu só pude me aperfeiçoar mais [...]

É impossível desvincular a noção de cuidado com questões de gênero na sociedade patriarcal e capitalista onde nos situamos. Um ponto relevante dentro do movimento dos guardiões das sementes crioulas é que a grande maioria dos guardiões são mulheres. Ao integrar o gênero e o núcleo de significação senso de cuidado, abre-se um campo analítico sobre como o cuidado e a agricultura se conectam com a questão feminina.

Pesquisadora: Você acha que isso tem relação por a gente ser mais comunicativa, forma mais um....ou mais por?

R: Eu acho que é por um instinto mesmo, né? De de, de, de guarda e cuidar, né? Ter o cuidado, né? Porque, né? Sempre foi de que as mulheres, né, era encarregadas mais, ne, falam, né, o jeito que falavam era, né, era plantar as miudezas, que isso seria as miudezas? Plantar moranga, plantar, ne, amendoim, batata, essas coisas, né? Era sempre mais com, né, funcionava mais com as mulheres, né? Então eu acho que por isso que, que as mulheres são mais guardiãs da, da semente do que os homens.

A dimensão feminina do cuidado aprofunda-se por demandas sociais impostas em uma organização patriarcal, na qual, como apresentado por Herrera (2016), mistura-se com os trabalhos domésticos. Ao associar cuidado com tipo de trabalho, entendemos que o primeiro se integra também como componente do trabalho reprodutivo. É válido ressaltarmos que, como abordado por Souza, Loreto & Eufrásio (2023), a esfera pública, espaço compreendido como de e para liberdade, nutre-se, tanto literal como metaforicamente da vida doméstica. Dessa maneira, Puleo (2012) discute como emergem as virtudes e as obrigações morais relacionadas à sustentabilidade, afirmando que é a partir da desconstrução de divisões do trabalho produtivo e reprodutivo que será possível valorizar o fazer das mulheres, principalmente interligado à conservação da biodiversidade.

Cuidar pode ser apreendido por quatro fases, que apresentam sempre dimensões morais em si, sendo elas: cuidar de, importar-se com, oferecer o cuidado e recebê-lo. Cuidar de algo é em si um atributo moral caracterizado pela atenção e reconhecimento das necessidades, porém, é mais do que altruísmo, compaixão ou reconhecimento, cuidado incorpora a noção de responsabilidade, a execução satisfeita de seus deveres e o cumprimento das necessidades que nos esforçamos para atender (Tronto, 2007). Ao utilizar essa compreensão, reconhecemos que o mundo é constituído de indivíduos emaranhados “em redes de interesse e comprometidas com o atendimento das necessidades de outras pessoas ao seu redor, isso é, na estrutura política imbricada em todos os enlaçamentos humanos, seja, nas relações humano-humano, seja nas relações humano - não humano”.

E ao integrar o cuidado e o trabalho com as sementes, o movimento MMC (Movimento das Mulheres Camponesas) tem parte determinante no direcionamento dessa inter-relação. Com algumas ações pedagógicas e lutas sociais/políticas, desenvolvidas principalmente a partir do MMC, percebemos a integralização que constrói por meio de um movimento dialético, empoderamento, laços sociais de fortalecimento entre grupo, autoestima, e autonomia das mulheres no campo.

Z.: Vamos dizer assim, ajudar outras pessoas, a perceber que tem outra saída, que tem outras formas de viver, que basta elas encontrar uma força e um pouco de apoio também, porque vamos dizer assim, tem países que as mulheres não tem muito apoio quando elas querem colocar alguma coisa que é da cabeça delas em prática, tem lugares que é bem... elas são barradas, na verdade, assim.. elas não têm liberdade, então elas ficam encantada em saber que a gente consegue. Que nem na época, daí meu marido trabalhava fora, eu tocava a propriedade sozinha e daí elas ficaram encantadas de ver como que eu conseguia tomar as decisão, pegar e fazer sem meu marido, e daí eu falei “mas eu me criei”, e eu só fui aprendendo que como ele tava trabalhando fora, e era eu que estava cuidando, era eu que tinha que decidi: época, o que fazer, como, aonde, tudo, era eu que tinha que decidir e pronto, não tinha. Daí eles ficavam olhando “meu deus que coragem que tu tem” o homem disse pra mim. Às vezes, não sei nem se tem ou se você acaba encontrando em algum lugar, é assim.

Esse trecho da entrevista nos permite analisar que a participante Z não apenas se tornou consciente de como suas ações expressam independência, criação, autonomia e produtividade, como novamente defronta as contradições de um mundo que a todo momento impede que essas características sejam desenvolvidas pelas mulheres em várias partes do mundo. Siliprandi (2017) destaca o papel da agroecologia para com a equidade de gênero. Isso porque, ao observarmos a agricultura familiar, as mulheres têm protagonismo em atividades que permitem o desenvolvimento de sistemas agroecológicos como, por exemplo, manejo de hortas, pomares, criação de pequenos animais, produção de doces e outros derivados, demonstrando cuidado com a qualidade dos alimentos utilizados pela família.

Portanto, o núcleo senso de cuidado vincula significações relacionadas à produção de saúde e saúde mental, à vida e produção de vida, ao cuidado, cuidado e esfera feminina, e ao papel social (‘estou fazendo minha parte’). Nessa sessão, aprofundou-se como esses indicadores se conectam e compõem o senso de cuidado presente no campo simbólico e material dos guardiões, a partir de sua práxis.

Núcleo Relação Ética/ Ecológica

Os agricultores e os ecossistemas onde estão inseridos há constante integração e modificação dialética. O trabalho com sementes crioulas se constitui como um sistema agrícola dinâmico com potencial de uso amplo e adaptável a multicontextos, sejam eles ambientais ou sociais. A resiliência e a adaptabilidade são características marcantes desse tipo de agricultura. Dessa maneira, as transformações humanas efetivadas na agricultura afetam os ecossistemas, assim como são afetadas por esses. A intencionalidade do manejo que influem também a seleção de características desejáveis e a exclusão das opostas, baseada nas necessidades culturais, sociais e produtivas dos guardiões, demonstram capacidade ativa e de conhecimento singular desse grupo, que contrapõem não só a visão da ciência convencional e do agronegócio para com esse (os veem como atrasados e passivos) como constroem a agrobiodiversidade, respeitando os limites ecológicos (Canci, 2002; Kaufmann, 2014; Struwka, 2019).

O desejo e a consciência do fazer para o futuro é atravessado mais uma vez pelo indicador senso de cuidado, no entanto, ele em si se torna um indicador e se entrelaça com a relação ética-ecológica com o ambiente/natureza. O querer propagar não só as sementes, mas o conhecimento e afetos que essa maneira de produzir carrega, se conecta com a perpetuação de vínculos e relações. Isso é, o desejo de seguir, continuar, e se movimentar se dissipa para além do individualismo, e integra o outro, com o outro do futuro, que continua a responder a demanda da tradição e influência geracional, mas também diz respeito ao outro desconhecido, outro que vem a ser. E esse pensar no outro que vem a ser com saúde e diversidade leva a querer um ir além com possibilidades.

Silva e Torres (2019) conectam o cuidar, a responsabilidade e a relação com gerações futuras, quando menciona que o equilíbrio do (meio) ambiente e o bem-estar geral estão intrinsecamente ligados à qualidade de vida humana. O cuidado ambiental também gera nas gerações atuais o compromisso de conservar os aspectos estéticos e agradáveis da natureza, garantindo assim que as gerações futuras também possam se beneficiar dos recursos ambientais. Isso reflete o senso de responsabilidade, de cuidado e de solidariedade em relação aos outros.

R: Os filhos já, né, eles já se criaram, sabe, né, vendo eu plantar, então eles já tem, né? Mas hoje, né, eu tento repassar pro meus netos que isso tem que ser guardado, que não, né não deixar se perder. Porque eu disse, olha, já muito tempo atrás a gente já achava que, que isso, às vezes não era possível, né, mas que falaram que aqueles que guardarem as sementes que vão ter essas sementes, né, vão, vão ter, às vezes, o que comer, né? E outras pessoas às vezes vão ter que comer, né, coisas que não são, né, as vezes recomendado comer, por falt..., por não ter, sabe essa... essa consciência, né, que tem que preservar, que tem que guardar e tem que cuidar.

Z: eu acho que eu gostaria de fazer um pedido. Que de repente isso tivesse lá na frente pessoas que fossem utilizar essas, essas informações, vamos dizer assim, não é só a minha, a minha e de outras pessoas, que pessoas utilizassem isso pra dar continuidade, para que tenham jovens que possam ter um interesse nisso, ne. Interesse em cuidar da, da, da biodiversidade, em cuidar da terra, das coisas, porque, se cuidou da biodiversidade ali vai ter... sempre vai ter, agora se não cuidar da biodiversidade (som nanam).

Esposo da C: eu não vou usufruir disso, mas quem sabe ne, meu filho, meu neto, mais adiante, em cima da pequena propriedade que eu tenho, a produção disso aí vai ser suficiente pra eles se sustentar, pra eles viverem, e ficarem morando aqui, ne.

Ao entender essa dinâmica do desejo de passar sua cultura adiante, os guardiões expressam suas potências felizes (Espinosa, 2010). É válido ressaltar que a ética para este autor diz respeito ao campo do sensível, na qual, o sensível é apreendido a partir dos afetos que, por consequência, estão sempre nos encontros. A ecologia integra-se a essa perspectiva ao dimensionar a temporalidade para além do agora, isso é, os guardiões cuidam porque foram cuidados, e ensinados a isso a partir de suas vivências, e sua atuação está também para o futuro e para os futuros outros que podem se relacionar com as sementes e compartilhar ou continuar o cuidado e relação de respeito para com o mundo.

Outros dois pontos interconectados à relação ecológica e ética dos guardiões, e principalmente das sementes crioulas, são a variedade e a qualidade das sementes e alimentos decorrentes delas. Kaufmann (2014) salienta que a diversificação e o aprimoramento contínuos das

características das plantas constituem elementos e componentes essenciais da sustentabilidade dos ecossistemas agrícolas, permitindo às comunidades agrícolas a capacidade de adaptarem suas safras às distintas nuances de cada ecossistema.

Esposo de C: [...] Aqui refletem grande parte daquilo que nós vivemos nosso dia-a-dia, ó, temo tomate, pipoca, feijão, feijão de vagem, ervilha, melão, a moranguinha, aquela semente branca na bolsinha, é o tal de mogango, [...] Isso aí a gente mantém, conserva e planta e... não é que a gente não come nada de, de, de alguma coisa, de coisa comprada, né? Mas isso aí é o dia a dia nosso, que a gente sempre conservou, planta, produz. [...] Conseguimos trinta e... 35,36, 37,(referente ao número de variedades de sementes) vamo dizer, né. E a semente é produzida e plantada aonde? Aqui em Anchieta, ne. Aquela que nós tínhamos ali, é tudo pela Anchieta, né. Ela disse “nossa”. Então a gente se orgulha ne, isso é um prazer pra gente dizer “não, aqui ó, nós tamos produzindo e ó”[...].

O esposo de C exemplifica a partir de sua fala um ponto relevante no que tange à variedade e qualidade das sementes: a agrobiodiversidade. Esta possui como elemento chave o humano, em sua diferenciação dentro da biodiversidade, e expressa-se nas práticas de manejo e cultivo e nas tradições e costumes (que incluem festas, ritos e preferências), estabelecendo o componente cultural como central para sua existência e transformação. A ação humana para a conservação desse patrimônio genético apresenta benefícios ecológicos, culturais, sociais e econômicos, principalmente conectados à produção de autonomia desses agricultores, e se mostra como uma alternativa para a dependência de outros mercados (Canci, 2002; Fabrini, 2007; Kaufmann, 2014).

Desse modo, além da produção de sentidos, memórias e relações que envolvem o encontro com o diverso e o desejo do plural, as sementes crioulas envolvem a soberania alimentar e se conectam com ações de oposição à monocultura. Ao se oporem a essa, os guardiões encontram empecilhos relacionados à alta produtividade, tópico central de defesa à perpetuação do agronegócio. Isso porque há uma escolha de qualidade em vez de quantidade que imbrica a essencialidade da semente como alimento e produção de vida, diferente de uma compreensão de produção como lucro.

Isso nos apresenta uma construção de trabalho/alimentação que desvenda no cotidiano um encontro com o espaço/meio (vivência), percebendo nuances de valorização integrativas - ecologia. Para tal integração, os guardiões encontram atitudes éticas de cuidado/respeito que transpassam o acúmulo de capital e homogeneização com/da produção. Esse acúmulo de capital e homogeneização leva ao descolamento do campo afetivo individual e relacional, do encontro afetivo, isso é, a alienação e apagamento do conatus que produz/age para afirmar a si e o mundo ao seu redor (Espinoza, 2001; Vigotski, 2010; Sawaia, 2000, 2011). Os guardiões orientam-se, então, para o que lhe parecem útil, expressos na continuidade do mundo e da diversidade. Portanto, o foco e escolha por qualidade e diversidade são componentes de uma relação ética-ecológica.

C: Assim aqui, que nem aqui em vários lugares, né, perdeu-se bastante semente, até outro dia a gente tava falando do sindicato, coisa, a gente está tentando resgatar em volta também, né, porque né, deu 3 anos seguido aquela seca, né, que é a maioria, porque assim, tu planta e coloca lá na Terra, mas tudo depende tudo do, do clima, né? Se choveu, se dá sol demais, tu não vai ter a semente, né. E naqueles anos de seca lá foi, várias sementes foram, foram perdidas, sabe? Daí até foi o ano passado, acho que foi. Daí é bom essas feiras que tem essas,

esses encontros que às vezes tu resgata uma que tu perdeu a 4,5 anos atrás, tu resgata aquela semente né, mesma coisa aqui em Anchieta, quando tem a feira, nossa, o pessoal vem de for pra, pra buscar sementes, né, sementes... Porque hoje é tudo, essas que vem, desde alface, né, tu vai lá, já compra a mudinha pronta, coloca lá vem, né, essa outra é mais demorada, tu vai ter que semear, vai ter que cuidar, né, se dá muito sol, ela vai morrer, porque ela não tem outro grãozinho na Terra e tudo, né, então por isso que pros Guardiões da semente é difícil, né. A maioria, que nem aqui em Anchieta, todos plantam e o que sobra, que ele não vai, não vai ocupar tudo para plantar, vende, né, coloca na, na coo-perzinha, e nas feiras e vende, né. Mas nos últimos 2 anos ali, nossa, foi poucas sementes que, que tiveram por causa do clima, né.

Mesmo ativamente responsáveis pela perpetuação da agrobiodiversidade, trabalhando com variedades de sementes e buscando qualidade em vez de quantidade e lucro, os guardiões encontram desafios, contradições e tensionamentos. Como relatado por C., a perda das sementes, principalmente a partir das mudanças climáticas nesse caso, envolve uma escolha ativa e enérgica de continuar a tentar, a plantar de novo, a recuperar e a desafiar-se em um trabalho que se mostra difícil, penoso e delicado, exigindo maior implicação, tempo e dedicação.

Ainda sobre as propriedades das sementes crioulas, J. explica sua diferença para outras:

Pesquisadora: E qual o sentido das sementes crioulas pro senhor?

J: A semente crioula é assim, tu.. quando você, a gente se apega numa, tu vai lá e descasca, não, essa é diferente daquela outra, vai lá, descasca outra, essa é diferente da outra, depois eu vou te levar lá e vou mostrar como que é as diversidades. A gente parece que é que nem ir lá nos garimpo achar ouro, nas pedras preciosa, “opa, essa aqui é diferente, essa eu vou levar para casa”, “essa...” Isso ali é um... parece que é cada vez a gente se apega mais.

Pesquisadora: E, você poderia me dizer quais os sentimentos que vem assim quando você pensa ou, enfim, tá trabalhando com as sementes?

J: Ah o sentimento...É que a qualidade dele, a qualidade do milho, ele faz um bem para a gente. Faz uma, é porque a gente não.. vocês tão com pressa, eu gostaria que viesse aqui, não, vamos fazer uma polenta de milho crioulo pra comer, pra vocês comer, pra ver a diferença e fazer uma da, dos milhos orga... (convencionais) [...] Não precisa tá ali... ele é mais forte, mas ele tem uma vitamina muito melhor. Depois vou mostrar. [...]Daí, os milhos crioulo é uma coisa e...o salame, essa coisa, tudo.... [...]tenho semente ali guardada lá no porão, dentro do congelador, que é uns 3,4 anos, se não dá certo, eu nunca vou perder a semente, porque eu sempre deixo uma reserva [...]

A forma de manejo e a seleção das sementes expressam a subjetividade de cada guardião e podemos associar essas expressões à vivência de cada indivíduo. Segundo Vigotski (2010), vivência é o que explica como elementos experienciados, a partir do meio, são interpretados e influenciam diferentemente cada indivíduo, pela qual cada pessoa é afetada pelas circunstâncias do existir no desenvolvimento humano. Assim, a vivência, isso é, o resultado da realidade mediada a partir da condição mental, afetiva e cultural de cada indivíduo e transformada em conhecimento no processo de viver, o trabalho interior de ‘viver através’, é o que permite que cada guardião escolha não só trabalhar com as sementes crioulas, mas o processo de atuar com elas e com o meio.

Adentramos, então, no indicador relação ética-ecológica com foco no respeito à natureza como sentido profundo de ser e estar dos guardiões no mundo. Salientamos que a relação ética-ecológica só pode existir ao afirmar o conatus, isso é, o esforço que cada indivíduo/ser vivo expressa e age em seu ser, ou seja, afirmação de vida, atualização de vida, colocar em ato as potências do existir e se relacionar. As potências são em si a possibilidade de se transformar em algo.

Z: E eu fui lá e cortei, deixei ali numa bacia uns lixo lá, e eu sentei ali fora na sombra, e comecei a debulhar, debulhar, e comecei a olhar, era 3 pé, tinha um que era uma cor só, a semente, a flor e os outros 2 era uma parte mais marronzinha no centro, nas pétulazinha ali mais marronzinha, e outro mais amarelo, e ó por fora, mais amarelo, um amarelo bem mais escuro um pouco, e a semente dele tem uma riscadinha, tem umas que é mais branca, tem umas que é mais preta, tem umas que é só preta, bem, e é uma variedade só, mas ele dá de várias cores, e, e as sementes de vários jeitos, e eu olhando e pensando “porcaria, olha como que a natureza é interessante”, ela oferece, ó a semente de várias jeito e a flor, as cores que ela dá que é interessante, bonito. E simplesmente é a natureza que está te dando te oferecendo, tu não precisa ir atrás de uma tecnologia [...].

A transformação que o conatus conduz é igual ao movimento, que se expressa na existência e com relação harmoniosa ao mundo, que será sempre no/com o diverso, porque isso se conecta à ecologia. A ética entra como central por expressar o campo do sensível necessariamente na implicação com o outro, e na responsabilidade para com esse vir a ser. Percebemos isso nas ações desses indivíduos ao aplicarem seu desejo e gosto por conhecer, e conseguir observar o conhecimento adquirido em suas ações cotidianas e em produção, constituindo a sensação de completude e pertencimento ao mundo. Observamos, assim, o fazer como atividade e afetos emergidos e como condição para a ressignificação e expressão de motivos, significados e sentidos desses guardiões (Espinosa, 2010, Sawaia, 2000).

Atividades intencionais e não intencionais que conflitam e emergem respostas às contradições de ser agricultor(a), camponês (a) e guardião (o) em um cenário que demanda produzir, lucrar e dicotomizar relações coisificando não só o ambiente, mas também outros humanos, levam os guardiões a desenvolverem estratégias singulares, complexas e principalmente delicadas para a reprodução de seu sentido de ser, estabelecer e se transformar nos e com encontros éticos ecológicos no mundo (Struwka, 2019, Espinoza, 2001, Vigotski, 2010, 1996, Sawaia, 2011).

O conceito de vivência novamente auxilia na compreensão desse complexo, dialético e transformativo processo de ser e viver dos guardiões. É a vivência que permite, enquanto dimensão singular, cada indivíduo desenvolve-se a partir de suas relações. Cada guardião tem uma vivência com as sementes crioulas, com as entidades/instituições e pessoas que encontram essas sementes em suas atividades. Assim, a partir da ação do indivíduo, que é sempre social, os agricultores produzem o meio, mudam o meio (físico e cultural), mergulhados em sua característica de *seeking* (curiosidade e ir atrás) e são transformados dialeticamente, produzindo conexões e dinâmicas ecológicas e éticas de resistência política a partir de suas vivências.

Esposo da C: Que, ela falou antes, né, a questão do valor disso, daquilo, isso aí pode se perder com o tempo, mas a, tem gente que, que valoriza aquele, aquele contato ali da, da, de você ter o prazer de tá lá na terra, plantando, você colhendo, isso, isso, até mentalmente para você, isso é benéfico, né. Não é que todo mundo deveria plantar (risada) produtos, né, da roça, né, num existe como, né, mas a, quem teria um pouco de oportunidade e coisa, deveria fazer isso, né.

É válido destacar que sem a afetividade não há vínculo, não há relação, não há encontros e desencontros (com a oposição ao agronegócio). Os afetos são a ‘cola’ que permite investigar as dinâmicas de inter-relação e intrarrelação dos indivíduos. J e esposo de C exemplificam como os afetos constroem vínculos e sentidos com o mundo, e produzem a ética do cuidado e ecológica na significação de seus seres associadas ao outro enquanto ser respeitado, e sensação de completude ao observar esse seu fazer baseado na valorização do contato com a terra (Espinoza, 2010).

A questão ecológica também emerge nas necessidades materiais de produção, que aqui são conectadas a produzir alimento (saudável), no sentido profundo ‘de se fazer o certo’ (ética), e da reprodução de tradição. Os sistemas, relações, estruturas, redes, e conteúdo que dão base para a formação dos guardiões estão conectados às suas ações, práticas e aos sentidos. Esses são caracterizados pelos costumes e tradições, a partir das relações familiares e comunitárias, pelas potências felizes produzidas e expressas em estados de satisfação, alegria e realização pessoal de se trabalhar com as sementes, e pela influência de movimentos populares camponeses (MMC, SINTRAF) que se apropriam e elaboram politicamente os afetos dos agricultores (Espinoza, 2010, Struwka, 2019).

Dessa maneira, a relação ecológica está igualmente imbricada na visão de mundo, bem como nos princípios sociais, morais e éticos que constituem parte integrante da assimilação ativa do indivíduo. Em outros termos, a concepção de mundo não é apenas um processo interno do indivíduo, mas, fundamentalmente representa uma estrutura de relações interpessoais que organizam tanto as práticas (atividades) quanto a comunicação. Dentro dessa estrutura, pode-se discernir a questão geracional e a influência familiar que desempenham papel crucial na formação dos guardiões das sementes crioulas.

Os guardiões entrevistados não possuem um ponto inicial dicotômico de trabalho com as sementes crioulas. Eles sempre estiverem imersos, desde o nascimento com o contato a esse tipo de agricultura e sementes, sendo que o conhecimento adquirido foi transmitido de forma oral, e pelos familiares, principalmente pais, com destaque ao papel da mãe nesse processo. A construção dos conhecimentos também se relaciona com o contexto sociocultural (Anchieta/SC), e com fortes laços com o estado do Rio Grande do Sul. Essas características são vistas também em outras pesquisas com camponeses ou/e guardiões de outros municípios (Kaufmann, 2014; Struwka, 2019). As falas a seguir ilustram esse processo.

Pesquisadora: E como você se tornou uma guardiã das sementes crioulas?

R: Assim, ahhh.....eu nem, se fosse explicar eu não sei, né? Porque assim é uma coisa berço, que a gente, né? O pai, a mãe sempre foram de, né, de sempre aquele cuidado com as sementes, armazenar bem, né? E a gente aprendeu com eles e levou para a vida, né? [...] meus pais sempre foram agricultores, né, nasceram agricultores e, né, morreram agricultores. E eu continuei também, né? Sempre fui agricultura também.

C: Era... tu tinha que plantar para comer, porque senão não tinha, né, não é que nem hoje. Então eu sempre, desde pequenininha com a minha mãe lá, fui sabendo que tu tinha que plantar e cuidar e ter a semente para ter de novo o produto, né? [...] Com 2, 3 anos, já ia lá atrás de um pé de fumo, de um pé de milho, tu tava sempre junto [...].

Assim, tanto as mudanças nas tecnologias de preservação/conversação das sementes quanto as inovações advindas das adaptações, criações e remodelagens da atividade agrícola estão mergulhadas na interação com a história e a cultura local. Isso é, a tradição “apresenta-se

como a plataforma a partir da qual um outro tipo de modernidade é projetado com base em raízes culturais que situam o campesinato no espaço e no tempo” (Kaufmann, 2014, p. 76). As ações de conversação emergem da relação com a memória e referenciais de seus antepassados, e assim tanto as espécies e cultivares como os usos com esses são profundamente influenciados pela tradição e relacionamento familiar, emergindo rituais que auxiliam também na construção de identidade e sentido desses agricultores, apreendidos de geração em geração, e reformulados a partir de suas vivências e experiências materiais. Dessa maneira, a tradição não é só essencial para o movimento como se consolida como um patrimônio cultural por apresentar hábitos e modos de agir singulares (Kaufmann, 2014, Struwka, 2019, Vigotski, 2010).

Esposo de C.: grande parte dessas Guardiãs de sementes são pessoas e famílias que trouxeram isso aí de tradição de família de, de décadas atrás.[...] de berço, veio trazendo um pouco isso, né, e daí a gente vendo a falta que tinha e a procura de muitos e dessas variedades, a gente foi se dedicando de plantar um pouco mais, cuidar, produzir, que você vai comercializar, você vai, vai ter onde colocar isso porque tem é... a...com esses encontros.[...] “eu quero...”, “você têm daquilo, meu Deus, eu faz toda vida que eu não vejo mais, não sei..”, “minha mãe plantava...”, ou “eu era criança, nós tinha” ne, “e vocês tem lá em Anchieta”, né?

A concepção subjetiva de mundo não é completamente compreendida conscientemente e comunicada via oral, isso porque a complexa teia que conecta histórias, relações, rotinas de trabalho, convivência familiar e comunitária, contato com a natureza e processamento interno da realidade estão mergulhados na afetividade que precisa lidar com a materialidade socioeconômica dicotômica e que difere de seus valores éticos. Assim, contradições e imprecisões aparecem no cotidiano e são lidadas a partir de ferramentais sociais, isso é, socialização.

Z: Eu em 2007/2008, eu comecei participar do movimento de mulheres camponesas. E através dali eu fui pegando o gosto e experiências diferenciada do que eu já fazia, porque eu nasci e me criei nessa propriedade. A gente sempre produziu sementes crioulas, mas assim, os meus pais, eles tinham de tudo, não se costumava comprar as sementes, as vezes você fazia as trocas já, mas assim, eles não explicavam muitos detalhes pra gente, só assim, a época de você plantar, o que que você tinha que plantar, faz isso, faz aquilo, mas assim, tinha detalhes que não era explicado. Então, eu não tinha aquele conhecimento e aquele interesse do porquê de você cuidar das sementes crioulas e foi através do movimento que eu comecei a entender o porquê que as pessoas cuidam das sementes crioula e qual é o objetivo disso também, né? Então, através dali, eu comecei cada vez e me interessando mais e fui me aprofundando no conhecimento sobre as sementes, sobre cuidar o solo, para também você ter uma semente de qualidade.

As sementes e construções de conhecimentos e ações são socializados pelos agricultores, atualmente, através de feiras, festas e encontros em movimentos sociais (dando destaque ao MMC). Integrar grupos e convívios sociais é um processo ativo de respostas às demandas camponesas e contribui para a relação entre consciência, atividade e afetividade dos guardiões, construindo assim redes de apoio e espaços de fortalecimento do movimento e de propagação de sua ética ecológica, ou seja, resistência.

Os estudos de Kaufmann (2014) e Struwka (2019) ressaltam a construção de imaginários simbólicos e materiais na dinâmica de troca e socialização camponesa a partir da agricultura com base na tradição. O movimento dos guardiões com sementes crioulas de Anchieta/SC também encontra essa construção, e percebemos que o cuidado com as sementes, principalmente quando associadas às trocas ou às doações, permite uma simbologia única que solidifica ritos e valorizações pessoais, com destaque para a construção de vínculos e propagação dessa semente que carrega simbolicamente a história do guardião e de sua comunidade.

A socialização se consolida como um indicador e age como a forma pela qual a cultura, os estreitamentos morais, os alinhamentos e afirmação do discurso emergem e se integram na vida desse grupo. No que tange à relevância no trabalho com as sementes, destacamos que são os intercâmbios de sementes e informações entre familiares (visitas e encontros), vizinhos e amigos que podem ser do mesmo município, ou outras cidades/estados, que permitem aos agricultores desenvolverem conhecimento de novas formas de cultivo, e assim, integrá-los em suas necessidades e desejos. Normalmente, isso ocorre com o teste de um cultivo de uma pequena porção de sementes trocadas. Salientamos que ao desenvolverem estratégias que adaptam e moldam características de cultivares das sementes, os guardiões atuam para a agrobiodiversidade. Essas estratégias incluem métodos de seleção, plantios consorciados, alterações na forma de plantio e manejo de plantas, utilizando a grande plasticidade que sementes crioulas apresentam. (Kaufmann, 2014).

C: Assim hoje a gente diz assim né, ah muita vezes tu vê la escrito assim “ai a gente era feliz e não sabia”, né, nós na roça é difícil viu, não pense que é fácil aqui na roça, tu tem tudo as coisas que tem, mas tu tem que trabalhar pra ter, mas nós, nós temos, se cuidar e se trabalhar, tu tem do bom e do melhor ne, pra... Só que tem que... é que nem ele falou ne, se não cuidar, perde a semente, por isso que é bom essas feiras, essas coisas, e trocar a semente.[...] Assim, que tu, se tu tiver uma batata ou feijão, tu troca com teu vizinho de outro lugar, dá a tua semente e pega da dele, que sempre foi, a gente se criou assim, que a muda um pouquinho as vezes, tá muito refinada, e daí, quando tu troca, ela dá uma melhorada. [...].

Esposo da C.:[...] “se eu conseguisse dessa semente”. Eu disse “ó, que prazer em dizer pra a senhora que eu tenho desse feijão, eu vou ajeitar a semente pra senhora”. Então, aqui com essa, um pouco essa fama de Anchieta, e com a questão que tem ali ó, desses casos assim ó, eu, a gente se sente, eu me sinto orgulhoso dizer “não, eu faço parte desse povo aí”.

As feiras também funcionam como um ponto de comercialização e resgate de semestres crioulas, aparecendo como importante estratégia tanto de fortalecimento do valor de se trabalhar com elas, como para a manutenção da agrobiodiversidade, ampliando não só a socialização em pequena escala (família e vizinhos) como o intercâmbio estadual e nacional de cultivares e conhecimentos.

Z: Então a gente começou a perceber que nessas feiras também tem gente que procura coisas assim, então, por isso daí eu tá também resgatando algumas coisas já antigas que eu comecei a resgatar de novo essas flores.

O cuidado com a natureza está na aprendizagem de cuidar e conhecer, que, por sua vez, acontece na troca com o outro, em socialização. Assim, a relação com o ambiente, que se estabelece no cuidado, também precisa suprir necessidades básicas e de produção, conectando o

cultivo de alimentos e biodiversidade, mas também, ocorre a partir de uma consciência prática que necessita do outro. O social, as trocas, os encontros, sejam as feiras, seja nos movimentos sociais, seja com a convivência familiar e com vizinhos, subsidia as relações comunitárias, que, por sua vez, “possibilita o acesso, manutenção e recriação dos conhecimentos, biodiversidade, tecnologias e trabalhos desenvolvidos”. O coletivo, a partir da socialização, é um indicador essencial da criação, estabelecimento, transformação e valorização da relação ecológica e de cuidado com as sementes (Struwka, 2019 p.124).

Pesquisadora: Nossa, e você tem noção dessa quantidade de conhecimento que você tem, assim? R: Às vezes não. Às vezes a gente acha que a gente não. não, né. Mas daí quando a gente troca ideias, né, daí você vê que tem outras pessoas que tem outro tipo de conhecimento, então a gente vai trocando ideias, e aprendendo uma, umas com as outras, a gente acaba aprendendo, né. Por isso que é muito bom esses encontros, né, que a gente tem, né, o que uma não sabe, a outra sabe [...]. Às vezes a gente faz uns experimentos, né, pra ver se, se funciona ou não funciona. Depois a gente conta, né, se funcionou, se você.... e você não funcionou também, você fala que daí, né, ninguém vai cometer o erro de fazer aquilo de novo, né. [...] Eu sempre fui curiosa, eu sempre fui curiosa, eu sempre gostei de desafio, desafio é comigo. [...] já fazem, acho que é 12, uns 12 anos. E das 14 pessoas que, que que ser desafiaram a fazer, só tem nós e mais uma que faz.

A socialização, a influência familiar e a transmissão geracional de conhecimento via oral são estruturas centrais em ser, estar, e agir dos guardiões, que integram parte importante e constituinte de ações sustentáveis.

Núcleo oposição ao sistema e suas consequências

Por fim, o último núcleo de significação apreendido na pesquisa abrange características de oposição ao sistema, com suas consequências e estratégias desenvolvidas. Inicialmente, salientamos que, como posto por Struwka (2019), os processos de formação política e educativa, e principalmente a continuidade e integração desses na vida dos agricultores, subsidia a internalização e modificação de sistema de signos e instrumentos culturais. Dessa forma, as redes que esses agricultores estão envolvidos permitem a organização e respostas ao presente e futuro, como a criação de estratégias materiais, assim como nexos relacionais de fortalecimento para a continuação do movimento.

A relação com instituições de ensino (UFFS, UFSC), MMC, feiras/festas e por alguns anos com o sindicato, e algumas políticas públicas como PNAE, PAA, permitem a existência de sentimentos de valorização e incentivo do trabalho/ser guardião.

Z: vamos dizer assim, nós temos o movimento, tem a cooperativa, temos o sindicato [...]. E daí, assim temos, vamos dizer assim, a gente tem bastante estudantes de universidades que vem, que vem fazer trabalhos e fazer pesquisas. já tem pessoas de outros países que vieram, bastante pessoas de outros países que vêm fazer a pesquisa, a Sô... teve uma da Itália que ela ficou trabalhando 3 anos e meio com nós. [...] Então, assim, nossa aquilo lá foi assim pra dar também, como é que eu vou ter de dizer, um ânimo para você perceber que tem, a gente tem muito que aprender, mas também você pode ensinar...

Relacionamentos e atividades conduzidas com profissionais, estudantes e lideranças geraram a sensação de apoio, sentimento intrinsecamente ligado à noção de assistência, que se

concretizou por meio de orientações, informações e práticas que foram e são engajadas pelos guardiões. Essa dinâmica, sempre dialética, engloba as dimensões intrapessoal e interpessoal, as experiências anteriormente encontradas, o contexto presente e o futuro incerto. Essas relações de intercâmbio, juntamente com os alicerces da tradição e ética do cuidado, formam a base fundamental para o que constituiu a força mobilizadora por trás do desenvolvimento desse movimento (Struwka, 2019).

Esposo da C: A gente veio de tradição, e eu vim pra Anchieta com 6 meses de idade, então eu vivi a vida inteira aqui, e numa família tradicional ali, que sempre manteve, foi de produzido isso e depois, mais tarde, com a influência de organizações e incentivos, né, daí..hoje, hoje se mantém com certeza, muita coisa, a gente taria plantando, produzindo igual, eu acho que se não tasse em Anchieta, mas ne, até com uma parte de interesses comerciais, e, e, e o pra, de prazer de ver essas, essas parcerias, esses intercâmbios que a gente faz com os outros aí, aqui, aqui é excelente pra isso, por causa de, de apoio de políticas públicas, ne, de associações, o próprio sindicato, as mulheres camponesas, e tem outros grupos ai, que ela falou alí de fora ali de, que fazem parte disso ali, e a própria EPAGRI incentiva bastante, prefeitura e tudo ne, daí então acho que, pra quem gosta se dedica um pouco nisso, aqui, da quase pra dizer, é o lugar perfeito, né? [...]Eu fiz um curso no ano, no ano seguinte que eu me aposentei na prefeitura, na... sobre horticultura e fruticultura, na IFSC em São Miguel, pra aprimorar um pouco mais, né, alguma coisa né, pra, pra gente produzir, ter a vontade, e um pouco ainda sobra para comércio, né. Mas daí que nem que ela disse que eu comentei, eu tenho, tenho um monte aí de, de variedade de sementes, de milho, de pipoca, de feijão, de, é salsa, ervilha, feijão de vagem, de tudo, sabe.

Ambientes e encontros de formação são instrumentos de resistência, e configuram aplicações de ações intencionais com significado social para com as sementes, são assim um mecanismo que fortalece e transforma a relação com as questões enfrentadas pelos indivíduos envolvidos. É estabelecida a experiência de conviver com o outro, o coletivo, tão relevante quanto a experiência individual. As mediações materializadas nas relações sociais entre os moradores e indivíduos e profissionais ligados a instituições e movimentos populares são essenciais para as mudanças na forma de enfrentar os dramas vividos pelos sujeitos (Struwka, 2019, Kaufmann, 2014).

A questão pedagógica de organização leva a uma consciência de quem são e o que fazem. Organizar-se e mobilizar-se demonstra que é a partir também do coletivo que os guardiões continuam se motivando, e assim os afetos podem ser apreendidos e organizados como campo integral e ecológico. Os trabalhos, atividades cotidianas e comunicação passaram a ser desenvolvidos apropriando-os por meio de outra forma de se relacionar com os outros, com a atividade e consigo mesmo, imersos em outro tipo de valorização. Entendemos que estes são os indicativos para compreender a transformação, ressignificação e continuação dos sentidos, motivos, necessidades e significados relacionados às coletivas e com a natureza e o trabalho (Vigotski, 1996, Struwka, 2019, Kaufmann, 2014).

C: o sentimento, em primeiro lugar o, né, cuidar da saúde, é um sentimento bom, né, pra gente, e apesar de tudo, mesmo que tu coma tudo isso, as vezes tu sempre tem algum problema igual, né. E o sentimento de, nossa, e quando tu vê lá que tá vindo bonito e tudo, né, e, e ainda quando a gente tem essas coisas

que vem esse pessoalzinho assim, das universidades assim pesquisar e coisa, né, é gratificante também, né.

Antes de aprofundarmos a oposição doença x saúde, presente de maneira significativa nas falas dos guardiões, é válido ressaltar a conexão do passado também como indicador ao enfrentamento do sistema. O passado aparece permeado por um apego, que diz respeito à compreensão das antigas dificuldades dos primeiros anos de colonização da região e vida de seus familiares (pais e avós) e é usado como ferramenta narrativa que permite a afirmação e continuação de seu trabalho com as sementes. Atualmente, o trabalho com as sementes não é fácil, é sempre desafiador, entretanto, não é tão difícil como antes, na época de seus pais, avós, e durante suas infâncias. Isso ocorre, ao mesmo tempo que há diminuição expressiva de guardiões, principalmente quando comparado ao início do resgate das sementes no município entre os anos de 2001 e 2010.

As atividades e mobilizações de resistências já foram explicitadas na análise, mas, destacamos uma nova camada afetiva que abrange resistência: a dinâmica e complexa memória que acessa o passado, permite a leitura do presente, e cria afetos de apreensão do futuro.

C: É que uma vez era assim, o povo se contentava com o pouco que tinha pra comer, ne, hoje não, o pessoal quer mais, e mais, e mais, e mais e mais dinheiro ne. Que nem se tu plantar o milho, só o milho crioulo, tu vai plantar, pro gasto, pra tu comer, pra tu ter bem ali, mas tu não vai produzir a quantia que produz um milho, do agro, que nem falam, né, então por isso, aí é que é a, como é que, tu não vai, ó hoje, tu planta o milho transgênico ali, tu passa Roundup ali, tudo, em cima do milho ne, tu não precisa entrar com nada ne, e esse crioulo, tu tem que entrar manual pra limpar ne, então essa é a diferença, o difícil de ter as sementes, as sementes crioulas é essa ne, que o outro tudo é mais fácil. [...] todo eles vão dizer que é difícil cultivar as sementes, porque é difícil mesmo, que nem a gente já falou, as vezes consegue e as vezes não, e, e parabéns pra quem consegue... porque é difícil. e tá se perdendo bastante as pessoas[...] geralmente é um cantinho, dois que o pessoal faz de inchada, e hoje ninguém mais quer, olha, eu não sei se encontro umas 100 pessoas no município de Anchieta que usa inchada... [...] É, é difícil. É difícil, tu cultivar essas coisas, que nem diz, a gente come bem, né, a gente planta e sabe o que está comendo, né. E as crianças, a maioria, elas acham que a fruta da lá na prateleira, o leite da lá na, na parteira, né, e a gente, né, sabe o, o sacrifício e o cuidado que tem que ter até.... [...].

A estratégia de desvalorização dessas agriculturas tradicionais baseia-se na ideia de que a “cultura do atraso” precisa ser substituída por “valores novos”, ligados à tecnologia e à produtividade. Essa visão tem sido amplamente promovida pelos grupos de extensão rural e é utilizada pelas grandes corporações para inserir seus produtos, como sementes, agrotóxicos, adubação química e maquinários. Concomitante, o trabalho com as sementes crioulas é um dos componentes dessa “cultura do atraso”. Essa ideia de desvalorização e desmoralização é um dos fatores que impede a ampliação do resgate das sementes crioulas e leva muitos agricultores a substituírem suas cultivares por híbridas e transgênicas (Canci, 2002, Kaufmann, 2014).

Como relatado nos estudos de Kaufmann (2014) ao apresentar um grupo de guardiões que produz fumo, o que inclui o uso de agrotóxicos para tal, mesmo não os utilizando nas produções crioulas, a contradição e complexificação de ser guardião é envolvida na realidade capitalista. Para sobreviver, guardiões podem trabalhar com outras sementes por um tempo, ou até se manter

trabalhando para um uso específico, como para a produção de leite, o que foi visualizado nessa pesquisa. No entanto, ainda há uma escolha de resistência expressa no cultivo paralelo das sementes crioulas, que envolvem não abandonar as tradições, e investir espaço, tempo e cuidado em algo que produz sentido e potência social, cultural e política.

As resistências são complexas e encontram nas ações das sementes exemplos que qualificam não só o resgate destas, mas o significado delas para as esferas além do produtivismo. Há mudanças que podem apresentar riscos para a conservação das sementes, como a diminuição das conhecidas visitas semanais aos vizinhos/parentes no interior, que impacta a troca de mudas e sementes, a troca de conhecimentos dessa prática agrícola, e o fortalecimento de vínculos. Isso leva, por exemplo, ao impacto na conservação das espécies de flores. No entanto, a qualificação do trabalho com as sementes é exposta quando mudas/sementes de flores mais antigas começam a ser comercializadas/recuperadas no encontro estadual do MMC, ou nas feiras das sementes como relatado por Z. Essa ação para com as flores é realizada por Z que, a partir de sua vivência, significações e afetividade, capta o desejo de pessoas por recuperar flores de seu tempo passado e aplica no presente, na reparação dessas.

Assim, o passado aparece como mobilizador da práxis dos guardiões, mas sozinho não é potente para uma transformação profunda. É em relação com sua vivência, com sua agência, que a agricultura (agricultor) encontra espaço para se motivar e questionar. E no espaço coletivo, com o outro, que o fazer pode gerar enfrentamentos contra a apropriação do trabalho humano e dos bens naturais, como relatado na fala abaixo.

C: E que nem assim, a gente fala, que nem, vamos dizer, eu acho que a gente sempre foi guardiã da semente, só não sabia que esse nome era Guardiãs da semente, ne. Mas porque, ultimamente, que nem, o que a gente bastante, e a gente tá retomando bastante isso, e tá pouco, porque que nem eu falei antes, ele dá muito serviço e nem é certo sempre garantia que tu vai colher. Mas o que que acontece, hã, tá vindo tudo com veneno, e a gente tá tentando resgatar essas sementes que tu vai plantar e comer, pelo menos um pouco, sem veneno [...] que pelo menos tu vai comer alguma coisa saudável ne, que nem diz, ah alimento saudáveis, mas muitas vezes, não tem ne, e é difícil. [...] ter mais Guardiãs de Sementes, porque senão vai terminar, vai terminar, porque tem, tem municípios que não tem, olha, se tiver 3 ou 4 sementes crioulas, é bastante [...]

Outro ponto relevante observado na pesquisa é a dualidade e oposição de qualidade/saúde das sementes crioulas com doença/veneno das sementes transgênicas. Essa percepção dos guardiões entende que a produção de sementes transgênicas influi ações prejudiciais. Hess et al (2023) salientam que a produção de cultivares transgênicos de soja, milho e algodão aumentaram como o consumo de agrotóxicos em suas áreas produtivas entre os anos de 2010 e 2020. Os autores ainda demonstram que o aumento do uso de agrotóxicos está associado ao aumento de taxas de mortalidade por neoplasias, suicídio e a incidência de anomalias congênicas em nascidos vivos. Z e J confirmam essa posição.

Z: E tá, de uma certa forma, sendo jogado para esse lado todo muito do agrotóxico, as coisas, e por que que cada vez a população da tendo as consequências de tantas doenças? Será que não tem a ver com isso um pouco? Ajuda, não vou dizer que só isso é culpado, não, não é só isso, tem infinitas coisas, mas isso ajuda. (Participante Zenaide).

J: Minha história, eu vim do Rio Grande do Sul com 8 anos, a, a gente lá, o meu pai, eu me lembro que quando veio os primeiros híbridos, que não sei da onde que veio, que veio para estragar o Bras..., era para debulhar aquele milho, não era bem assim, eles se agrupava nos, nos sabugos, e não, não, hoje, o milho comum, crioulo, ele debuia fácil. E a gente sempre é... 56 anos que a gente mora aqui em Anchieta, nós só plantavam milho crioulo esse anos atrás, enchia os paiol, que era incrível. [...] Ah porque a gente, não adianta a gente tirar 50,60 sacos de milho, e dá por um 20 kg de milho, isso eu me tiro a semente em casa e planto. Tem gente que não acha que não, mas é assim. O milho crioulo planta, não é muito atacado nos bichinhos, que nem os, os, os híbridos que vemos.

Além do impacto à saúde humana, as sementes transgênicas e usos de agrotóxicos expressam também patologias socioambientais que são observadas a partir de desertificação, mineração, poluição, queimadas, intoxicações, contaminações humanas, dos mananciais hídricos, do solo e dos alimentos (Hess et al, 2023). A percepção e o conhecimento dos guardiões estão alinhados com os estudos ambientais atuais e permitem que esses agricultores defendam suas ações sustentáveis como ações opositivas à regra (agronegócio) no caminho para a produção de saúde, qualidade e segurança alimentar e ambiental. No entanto, sem se deixarem levar por uma narrativa irrealista e romantizada, os guardiões ativamente percebem as mudanças ambientais atuais e destacam suas falas ao relembrem o passado e o presente, e comentam suas estratégias para lidarem com essas no seu cotidiano. A oposição ao sistema traz enquanto estratégia e consequência o uso do cuidado como ferramenta política.

Dessa forma, associamos a teoria espinosana que vai entender a existência singular dos seres humanos como cada existência que possui uma tendência a afirmar seu ser, isso é, seu conatus. O ser humano é entendido como consciente de si mesmo e nasce na afeição de sua essência, que pode ser apenas no espírito, referindo-se a vontades, ou espírito e corpo, apresentando apetite. A existência, a partir de seu conatus, expressa vontades e apetites, sendo uma afirmação dinâmica de uma potência orientadora para aquilo que lhe parece útil. O desejo é o suporte dessa afirmação e as paixões são as causas externas internalizadas e, por consequência, alienantes dos indivíduos (Espinosa, 2010).

Observa-se ativamente o controle e poder do agronegócio na realidade rural em todo o Brasil, principalmente em razão da trajetória histórica da revolução verde. Ao observar uma das consequências singulares para com os guardiões das sementes crioulas, vê-se a redução do número desses, a perda de variedade e uma disputa profunda de sobrevivência cultural.

Para os agricultores que não são guiados pelas paixões (no sentido espinosano, como alienação), estes ainda estão imersos em uma realidade desafiadora, contraditória e complexa. Ao responderem e produzirem, o mundo desses guardiões é guiado por afetos ativos (isso é, conatus a partir de causas internas, ativamente desenvolvidas e aplicadas na realidade afetiva). Assim, ao afirmarem uma relação ética ecológica, mas não possuírem poder social comparativo ao agronegócio, esses camponeses encontram em suas percepções o medo do futuro como uma resposta afetiva a essa realidade, o que implica uma justificativa de afirmação de suas condutas.

Z: Preocupação. Preocupação. Porque nós tamos sentindo, dentro do movimento mesmo, o quanto tá diminuindo as pessoas que querem dar continuidade em cuidar de sementes crioulas, porque vamos dizer assim, de uma certa maneira, está vindo muito a questão das famílias integradas em cooperativas e empresas, aonde elas têm que ter aquela linha ali, e é isso ali, e elas não podem ter outras coisas, né? [...] E as mais novas tão aonde tão, eu digo, nós costumamos

dizer, dentro do movimento, amaradas a esse sistema e que elas não podem, às vezes, nem sequer sair de casa para ir buscar o conhecimento, quanto mais para produzir, né. Daí o que que acontece, vai lá na pecuária porque lá tá pronta, tem a muda, tá tudo pronto lá, então ela pega lá que tá pronta, facilita, porque aquela atividade que eles têm ali na propriedade exige tanto que elas também não tem tempo, porque para isso, para você cuidar, você ver, você tem que ter tempo, você tem se dedicar. [...] eu só sei que a gente tá cada vez perdendo as forças, e as nova eu digo assim, na ali, dos 25,30 até os 45, elas tão tão amarada naquelas atividades que elas não conseguem sequer buscar o conhecimento, quanto mais produzir. Que a gente sabe que tem muito agricultor, isso eu sei porque elas às vezes comentam, que elas não têm tempo de plantar o que elas vão consumir, elas pegam no mercado. [...] Porque uma das coisas que a gente tá percebendo que as pessoas estão pensando em fazer dinheiro, dinheiro, dinheiro, mas elas não tão olhando a que custo, o que tá destruindo, né? [...] Eu digo os pequenininho, que que eles vão? E se nós não pensa, é ele que vão pagar as consequência da nossa irresponsabilidade.

Por consequências, ao apresentar medo do futuro catastrófico, os agricultores precisam lidar com o devir analisado a partir de suas apreensões e vivências da realidade que incidem em construir estratégias materiais e relacionais para responder tais questões. Dessa forma, ao tentar responder e organizar suas demandas, esses encontram limites, desafios e complexidades, mesmo que sua tradição com as sementes permita a produção e o cultivo de uma experiência agradável e afirmativa na existência pessoal, que demonstra o desejo por sua defesa. Essa defesa, fundamentalmente, é baseada em experiências que emergem de um relacionamento caracterizado por maior harmonia com os outros (a comunidade), com o mundo natural (atividades) e consigo mesmo (Sawaia, 2011, Struwka, 2019).

Essa produção manifesta-se como uma transformação gradual e modulada pela interação entre as dimensões interpessoais e intrapessoais, e serve para mobilizar ações opositivas à realidade exploratória perpetuada pela sociedade capitalista (Struwka, 2019). Os pontos válidos das consequências para além de si, sua afirmação e continuação como guardião, está o pensar estratégias para que haja mais guardiões e futuros guardiões. Destacamos três ações concretas que podem ser promissoras para o futuro desses e se expressam como oposição ao sistema: a lei nº 2.750/2023, a implementação do projeto de Identificação Geográfica, as festas, feiras e festival gastronômico, e os encontros e relações entre as mulheres a partir do MMC.

Essas ações político-sociais são a demonstração do processo constante de movimento, transformação, recriação e expressão dos sujeitos ativos que os guardiões se caracterizam e caracterizam sua realidade. Com isso, os contínuos encontros/desencontros afetivos que caracterizam as relações humanas permitem a construção de significações desses guardiões para com as sementes crioulas e para consigo mesmo, produzindo uma forma singular de expressão de desenvolvimento rural sustentável mergulhado em resistências, cuidados, contradições, dificuldades, tradições, questões de gênero e relações ético-ecológicas.

CONCLUSÃO

Nesse artigo aponta-se que a relação indivíduo/natureza envolve afetividade, e emerge por meio de sua realidade sócio-histórica, expressando-se na vivência individual. Essa complexa dinâmica impacta como os sujeitos e grupos sociais sentem e atuam em seu entorno. Desse

modo, os guardiões das sementes crioulas respondem ao mundo a partir dos afetos e produzem respostas combativas, contraditórias e complexas.

O artigo objetivou compreender os sentidos da conservação das sementes na conexão da afetividade dos agricultores com a continuação do movimento “Guardiões das sementes crioulas” em Anchieta/SC. A presente análise foi composta por três núcleos de significação inseparáveis e sempre em diálogo, sendo esses: senso de cuidado, relação ética-ecológica e oposição ao sistema e suas consequências.

Conclui-se que os afetos e os sentidos associados a ações sustentáveis são responsáveis pela ação laboral e impacto desse no ambiente. Para esses camponeses destaca-se o cuidar, o valor além do lucro, e o alicerce nas tradições e relações sociais. A questão do cuidado com o mundo, com o planeta com a saúde das pessoas forma a base para o desenvolvimento e caracterização de uma relação ética-ecológica com o meio. Essa relação, por focar na qualidade e na saúde em vez da quantidade/produtividade, remete a uma relação de oposição ao sistema capitalista e ao agronegócio por desejar e agir no pouco lucro, no cuidado e na busca por saúde e relações comunitárias.

Ao associar a compreensão psicossocial realizada nessa análise é possível acessar e perceber as nuances, conhecimentos e estratégias que esse grupo constrói sobre suas lutas históricas contra a propriedade privada e a exploração do trabalho e da natureza. No que tange às limitações e sugestões de futuras pesquisas, o presente artigo observou que a realidade dos guardiões acontece também dentro do debate de território e América Latina, sendo influenciada por nuances do acúmulo do capital na periferia. Pelo número restrito de páginas e tempo de pesquisa, a análise não aprofundou esse tópico, ficando como sugestão para futuras investigações.

Outro ponto de destaque para futuras pesquisas é a questão de gênero. A dimensão feminina do cuidado foi dialogada, no entanto, não foi possível aprofundar e agregar a dimensão do homem e sua dimensão feminina do cuidado. Assim, pensar em uma pesquisa que aprofunda as consequências do masculinismo e do impacto em ser guardião parece promissora.

Por último, o fazer, e as características das atividades dos guardiões para com as sementes podem ser comparadas a uma atividade artística. Isso é, uma atividade que permeia o cuidado, o uso de abstrações e da memória para a criação de algo que possui nuances para além do óbvio, e encontra na estética aspectos funcionais e produtivos como motivador. A análise, a partir desse ponto de vista, poderia produzir um estudo que vincula a arte e o cuidado, aprofundando o caráter subjetivo de seleção de determinadas sementes. Sugerimos futuras pesquisas sobre a análise artística e sua associação com a compreensão ecológica e sustentável.

Neste artigo é demonstrada a relevância para os estudos das sementes crioulas por apresentar sentidos, padrões de comportamentos e visões de mundo de sujeitos responsáveis pela manutenção dessas sementes. Dessa maneira, a compreensão de tais formas de se relacionar permitem mapear como acontece, no campo indivíduo-grupo-agricultura as motivações e desafios desse trabalho ecológico.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, W. M. J.; OZELLA, S. Núcleos de significação como instrumento para a apreensão da constituição dos sentidos. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 26, n. 2, p. 222-245, jun. 2006. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1414-98932006000200006> Acesso em: 8 jan. 2025.

AGUIAR, W. M. J. DE.; OZELLA, S.. Apreensão dos sentidos: aprimorando a proposta dos núcleos de significação. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, v. 94, n. 236, p. 299–322, jan. 2013.

AGUIAR, W. M. J. Consciência e atividade: Categorias fundamentais da Psicologia Sócio-Histórica. In: BOCK, A. M. B.; GONÇALVES, M. G. M.; FURTADO, O. (Eds.). **Psicologia sócio-histórica: Uma perspectiva crítica em psicologia**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2007. p. 95-110.

ALVES, A. M. P. O método materialista histórico-dialético: alguns apontamentos sobre a subjetividade. **Revista de Psicologia da UNESP**, v. 9, p. 1, 2010.

BOFF, L. O cuidado essencial: princípio de um novo ethos. **Inclusão Social**, v. 1, n. 1, p. 28-35, out./mar. 2005.

BOFF, L. **O cuidado necessário: na vida, na saúde, na educação, na ecologia, na ética e na espiritualidade**. 2. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2013.

BOCK, A. M. B. A psicologia sócio-histórica: uma perspectiva crítica em psicologia. In: BOCK, A. M. B.; GONÇALVES, M. G. M.; FURTADO, O. (Eds.). **Psicologia sócio-histórica: uma perspectiva crítica em psicologia**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2007. p. 15-36.

BOMFIM, Z. A. C.; DELABRIDA, Z. N. C.; FERREIRA, K. P. M. Emoções e afetividade ambiental. In: CAVALCANTE, S.; ELALI, G. A. (Org.). **Psicologia ambiental: conceitos para a leitura da relação pessoa-ambiente**. Petrópolis: Vozes, 2018. p. 60-74.

BRASIL. MINISTÉRIO DA AGRICULTURA E PECUÁRIA. **O que é Indicação Geográfica? Como obter o registro?** 2017. Disponível em: <https://www.gov.br/agricultura/pt-br/assuntos/sustentabilidade/indicacao-geografica/o-que-e-indicacao-geografica-ig>. Acesso em: 9 jan. 2025.

BRASIL. Lei n. 10.711, de 5 de agosto de 2003. Dispõe sobre o Sistema Nacional de Sementes e Mudas e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Seção 1, 6 de agosto de 2003.

BRASIL. Lei nº 13.562, de 21 de dezembro de 2017. Confere ao município de Anchieta, no Estado de Santa Catarina, o título de Capital Nacional da Produção de Sementes Crioulas. Brasília, DF: Presidência da República, 2017.

CAMPOS, A. V.; CASSOL, K. P.; WIZNIEWSKY, C. R. F. Sustentabilidade nos territórios do milho crioulo: olhares para Anchieta/SC e Ibirama/RS. **Grifos**, v. 27, n. 44, p. 144, 27 set. 2018.

CANCI, A. **Sementes crioulas: construindo soberania, a semente na mão do agricultor**. São Miguel do Oeste: McLee, 2002.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **O suicídio e os desafios para a psicologia**. Conselho Federal de Psicologia, 2013. Disponível em: <https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2013/12/Suicidio-FINAL-revisao61.pdf>. Acesso em: 8 jan. 2025.

CORRÊA, D. A.; BASSANI, M. A. Cuidado ambiental e responsabilidade: possível diálogo entre psicologia ambiental e logoterapia. **Psicologia em Estudo**, v. 20, n. 4, p. 639-649, out./dez. 2015.

ESPINOSA, B. **Ética**. São Paulo: Autêntica, 2010.

FABRINI, J. E. A resistência camponesa para além dos movimentos sociais. **Revista Nera**, n. 11, p. 8-32, 29 maio 2007.

FERNANDES, G. B., SILVA, A. C. DE L., MARONHAS, M. E. S., DOS SANTOS, A. DA S., & LIMA, P. H. C. (2023). Fluxo transgênico: desafios para a conservação on farm de variedades crioulas de milho

no Semiárido brasileiro. **Desenvolvimento E Meio Ambiente**, 61. <https://doi.org/10.5380/dma.v61i0.85886>.

FURTADO, O. O psiquismo e a subjetividade social. In: BOCK, A. M. B.; GONÇALVES, M. G. M.; FURTADO, O. (Eds.). **Psicologia sócio-histórica: uma perspectiva crítica em psicologia**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2007. p. 75-94.

GÓES, M. C. R.; CRUZ, M. N. Sentido, significado e conceito: notas sobre as contribuições de Lev Vigotski. **Pro-Posições**, v. 17, n. 2, p. 31-45, 2016. Recuperado de: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/proposic/article/view/8643627>.

GONÇALVES, M. G. M. Fundamentos metodológicos da Psicologia Sócio-Histórica. In: BOCK, A. M. B.; GONÇALVES, M. G. M.; FURTADO, O. (Eds.). **Psicologia sócio-histórica: uma perspectiva crítica em psicologia**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2007. p. 113-128.

GUPTA, C., SALGOTRA, R.K., MAHAJAN, G. Future Threats and Opportunities Facing Crop Wild Relatives and Landrace Diversity. In: Salgotra, R., Zargar, S. (eds) **Rediscovery of Genetic and Genomic Resources for Future Food Security**. Springer, Singapore. 2020. P. 351-364. Disponível em: https://doi.org/10.1007/978-981-15-0156-2_14

HERRERA, K. M. Da invisibilidade ao reconhecimento: mulheres rurais, trabalho produtivo, doméstico e de care. **Revista Nesp**, v. 15, n. 1, p. 208-220, 2016. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5007/2175-7984.2016v15nesp1p208>.

HESS, S. C.; NODARI, R. O.; SOARES, M. R.; SOUZA E LIMA, F. A. N.; PIGNATI, W. A. Cenário agrícola brasileiro: monoculturas e silvicultura, agrotóxicos e incidência de câncer, suicídio e anomalias congênitas. In: ROCCON, P. C.; BEL, H. D.; COSTA, A. A. S.; PIGNATI, W. A. (Orgs.). **Ambiente, saúde e agrotóxicos: desafios e perspectivas na defesa da saúde humana, ambiental e do(a) trabalhador(a)**. São Paulo: Pedro & João Editores, 2023. p. 396. <https://doi.org/10.51795/9786526505649>.

KAUFMANN, M. P. **Resgate, conservação e multiplicação da agrobiodiversidade crioula: um estudo de caso sobre a experiência dos Guardiões das Sementes Crioulas de Ibarama (RS)**. 2014. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2014.

KUHNEN, T. A. A ética do cuidado como alternativa à ética de princípios. **Ethic@**, v. 9, n. 3, p. 155-168, set. 2010.

LOCATELLI, A. R. Resgate das sementes crioulas em Anchieta – SC (1996 – 2002): processo histórico e ecos. **Revista Santa Catarina em História**, v. 13, n. 1, p. 89-102, 2 set. 2019.

LEONTIEV, A. N. O homem e a cultura. In: **O desenvolvimento do psiquismo**. São Paulo: Centauro, 1988.

NEABIO. **Núcleo de Estudos em Agrobiodiversidade**. UFSC. Disponível em: <https://neabio.wixsite.com/neabioufsc/variedades-crioulas>. Acesso em: 9 nov. 2024.

PULEO, A. H. Anjos do ecossistema? In: FARIA, N.; MORENO, R. (Orgs.). **Análises feministas: outro olhar sobre a economia e a ecologia**. São Paulo: SOF, 2012. p. 29-50.

SANTA CATARINA. Lei nº 11.455, de 19 de junho de 2000. Reconhece o Município de Anchieta como Capital Catarinense do Milho Crioulo e adota outras providências. Governo do Estado de Santa Catarina, 2000.

SAWAIA, B. B. **Porque investigo a afetividade**. Texto apresentado para concurso de promoção na carreira para a categoria de professor titular do Departamento de Sociologia da PUCSP. São Paulo: PUC, 2000.

SAWAIA, B. B. O sofrimento ético-político como categoria de análise da dialética exclusão/inclusão. In: **As artimanhas da exclusão: uma análise ético-psicossocial da desigualdade**. Petrópolis: Vozes, 2011. p. 97-119.

SILIPRANDI, E. Rompendo a inércia institucional: as mulheres rurais e a Política Nacional de Agroecologia e Produção Orgânica. In: SAMBUICHI, R. H. R.; et al. (Orgs.). **A política nacional de agroecologia e produção orgânica no Brasil: uma trajetória de luta pelo desenvolvimento rural sustentável**. Brasília: IPEA, 2017.

SILVA, R. A.; TORRES, M. B. R. Cuidado ambiental na agricultura familiar. **Revista Eletrônica Mestrado em Educação Ambiental**, v. 36, n. 3, p. 178-197, 2019.

SOUZA, M. R.; LORETO, M. D. S. S.; EUFRÁSIO, L. F. As dimensões do cuidado no âmbito da economia feminista: um olhar sobre o trabalho das mulheres rurais no contexto da agricultura familiar. **Emancipação**, v. 23, n. 2, p. 1078-1096, 2023. <https://doi.org/10.5212/Emancipacao.v.23.2321078.009>.

STRUWKA, S. **A formação da personalidade em camponeses que fazem o uso comum da terra**. 2019. Tese (Doutorado em Psicologia) – Universidade de São Paulo, Instituto de Psicologia, São Paulo, 2019. Recuperado de: doi.org/10.11606/T.47.2020.tde-07022020-111515.

THANOPOULOS, R., NEGRI, V., PINHEIRO DE CARVALHO, M. A. A., ET AL. (2024). Landrace legislation in the world: Status and perspectives with emphasis in EU system. **Genetic Resources and Crop Evolution**, 71(1), 957–997. <https://doi.org/10.1007/s10722-023-01824-0>

TRONTO, J. Assistência democrática e democracias assistenciais. **Sociedade e Estado**, v. 22, n. 2, p. 285-308, 2007.

VIGOTSKI, L. S. **A construção do pensamento e da linguagem**. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

VIGOTSKI, L. S. Quarta aula: A questão do meio na pedagogia. **Psicologia USP**, v. 21, n. 4, p. 681-701, 2010.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. **Mental health: Strengthening our response**. World Health Organization, 2022. Disponível em: <https://www.who.int/news-room/fact-sheets/detail/mental-health-strengthening-our-response>. Acesso em: 8 jan. 2025.